

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
Campus de Araraquara**

FRANCIELY PALIARIN

**SEXUALIDADE E DEFICIÊNCIAS:
dando vozes aos adolescentes por meio de
oficinas pedagógicas**

Araraquara - SP

2015

Franciely Paliarin

**Sexualidade e Deficiências: dando vozes aos adolescentes por meio de
oficinas pedagógicas**

Dissertação de Mestrado, apresentada
ao Programa de Educação Sexual da
Faculdade de Ciência e Letras –
UNESP/Araraquara, como requisito para
obtenção do título de Mestre em Educação
Sexual.

Linha de Pesquisa: Desenvolvimento,
sexualidade e diversidade na formação de
professores

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Fátima
Elisabeth Denari

Araraquara - SP

2015

Paliarin, Franciely

Sexualidade e Deficiências: dando vozes aos
adolescentes por meio de oficinas pedagógicas /
Franciely Paliarin – 2015
117 f.

Dissertação (Mestrado Profissional em Educação
Sexual) – Universidade Estadual Paulista "Júlio de
Mesquita Filho", Faculdade de Ciências e Letras
(Campus Araraquara)

Orientador: Fátima Elisabeth Denari

1. Educação Sexual. 2. Deficiências. 3. Sexualidade.
4. Oficinas Pedagógicas. 5. Afetividade. I. Título.

ATESTADO DE APROVAÇÃO - DEFESA
nº 695 / 2015

ATESTAMOS que **FRANCIELY PALIARIN**, RG 8.630.491-0 SSPPR, defendeu, no dia 31/08/2015, a dissertação intitulada "Sexualidade e Deficiências: dando vozes aos adolescentes através de oficinas pedagógicas", junto ao Programa de Pós-graduação em Educação Sexual, tendo sido "APROVADA".

Atestamos ainda que a obtenção do título dependerá de homologação pelo Órgão Colegiado competente.

Araraquara, 31 de agosto de 2015.

A handwritten signature in blue ink, which appears to read "Alzira", is placed above the printed name of the official.

ALZIRA AP G SILVA CASTANHARO
Supervisora Técnica de Seção - Substituta

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, base de tudo que tenho, de toda vontade de poder de alguma forma ajudar as pessoas, pelo apoio incondicional mesmo quando não entendiam de fato minhas escolhas, e aceitavam que eu julgava ser o melhor, estavam ali me dando todo suporte necessário para que eu atingisse todos os meus objetivos.

A todos os meus familiares pelo amor transmitido, e por sempre acreditarem e apoiarem os meus caminhos.

À minha companheirinha de todas as horas, Sofia, que esteve presente ao meu lado, em cada trecho dessa dissertação, que aguentou as mudanças de cidades e apartamentos junto comigo, e que surgia agitando a madrugada quando eu já estava morrendo de sono e ainda tinha muito o que escrever.

À orientadora Prof^a Fátima E. Denari por ter aceitado trabalhar comigo, por ter me motivado a pesquisar e pelos ensinamentos, graças à paciência, ao carisma e à competência que possui, será sempre o meu exemplo a ser seguido.

Aos professores Paulo Rennes Ribeiro e Andreza Marques Castro Leão pela participação e colaboração na banca examinadora.

À Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) na qual o trabalho foi realizado, por ter cedido o espaço e por toda colaboração durante a aplicação do projeto. Aos diretores e professores participantes deste estudo pela receptividade.

Aos amigos Andréia, Renata, Daniela, Monique, Vanessa, Flávia, Tayeme, Débora, Gabriela, Roberta, Talitta, Maira e demais amigos que sempre apoiaram e incentivaram esta pesquisa, e principalmente me animavam a continuar sempre estudando, mesmo os que estavam longe e me davam broncas pelo Whatsapp para que eu fizesse as coisas dentro dos prazos.

À Fernanda, que discutia comigo sobre os assuntos sempre que eu precisava de mais ideias para escrever, e todas as outras contribuições durante o desenvolvimento da dissertação.

Ao meu amigo Diego Pavan (*In memoriam*) esteja onde estiver, sei que maior parte da minha força, vem de você que sempre estará iluminando o meu caminho, todas as minhas vitórias serão sempre por você também.

“Não é o mais forte que sobrevive, nem o mais inteligente, mas o que melhor se adapta às mudanças.”

Leon C. Megginson

Resumo

Há muitos desafios para se trabalhar com a sexualidade dentro de instituições de educação especial. A dificuldade parece na maior parte das vezes pelo preconceito social, pois as pessoas com deficiência ora são vistas como assexuados, ora como seres hipersexualizados. Este trabalho relata a experiência em oficinas de sexualidade realizadas em uma instituição de educação especial (APAE), para alunos em situação de deficiência intelectual, com idade entre quatorze e vinte e seis anos. Foram realizadas sete oficinas, com duração de aproximadamente duas horas cada, focalizando de uma forma lúdica, conceitos como sexualidade, preconceitos, aparelhos reprodutores, métodos contraceptivos, entre outros. Notou-se nesta empreitada que é possível transpor essa barreira, explicitando o modo natural de se tratar a sexualidade, e tendo a cautela de trabalhar os temas sem julgamentos, para que a partir das informações dadas, os alunos participantes criem suas próprias ideias e concepções sobre os diversos temas tratados. Os adolescentes demonstraram interesse participando das atividades e explanando suas dúvidas, curiosidades, anseios, e, em diversos momentos, mostraram-se sensibilizados diante das discussões. Foi observado um preconceito implícito: a visão da mulher como objeto;; e a falta de conhecimentos básicos sobre seu próprio corpo e desenvolvimento. Projetos que tratem sobre assuntos relacionados a sexualidade podem possibilitar qualidade de vida, e o conhecimento necessário para a vivência plena dos adolescentes, estando esses em condições de deficiência ou não.

Palavras Chaves: Educação Sexual, Deficiências, Sexualidade, Oficinas Pedagógicas, Afetividade

Abstract

There are many challenges to work with sexuality in special education institutions. The difficulty seems to exist mostly because of the social prejudice, as people with disabilities are seen as asexual, or as hipersexualized sometimes. This paper reports the experience of sexuality workshops held in a special education institution (APAE), for students with intellectual disability, aged between fourteen and twenty-six years old.. Seven workshops were held, lasting couple hours each, focusing in a playful way, concepts such as sexuality, prejudices, reproductive systems, birth control, among others. In this endeavor was noticed we can overcome this barrier, explaining the natural way to treat sexuality, taking caution to work the issues without judgment, so from the given information, the participating students create their own ideas and views on the various topics discussed. The teenagers showed interest participating in the activities and clarifying their doubts, curiosities, desires, and, at several times, they proved to be sensitized on the discussions. An implicit prejudice was observed: the view of women as objects; and the lack of basic knowledge about their own bodies and development. Projects addressing issues of sexuality are able to create quality of life, and knowledge necessary to a full experience for adolescents with disability or not.

Key Words: Sex Education, Sex, Disability, Pedagogical Workshops;

Affection

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Artigos selecionados a partir de descritores específicos na Revista Brasileira de Educação Especial no período de 2005 a 2015	15
Quadro 2	Artigos selecionados a partir de descritores específicos na revista Educação Especial/UFSM, no período de 2000 a 2015	20
Quadro 3	Descrição dos alunos participantes	58

LISTA DE SIGLAS E ABREVIACÕES

AACD	Associação de Assistência à Criança com Deficiência
AAID	American Association on Intellectual and Developmental Disabilities
APA	American Psychological Association
APAE	Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais
AIDS	Acquired Immunodeficiency Syndrome (Síndrome da Imunodeficiência Adquirida)
CID-10	Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com a Saúde
CLM	Campus Luiz Meneghel
DST	Doença Sexualmente Transmissível
LDBEN	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MEC	Ministério da Educação
OMS	Organização Mundial da Saúde
ONU	Organização das Nações Unidas
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
QI	Quociente de Inteligência
SIES	Simpósio Internacional de Educação Sexual
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TPM	Tensão Pré-Menstrual
UNEP	Universidade Estadual do Norte do Paraná
UNESP	Universidade Estadual Paulista
UNICEF	Fundo das Nações Unidas para a Infância

SÚMARIO

	APRESENTAÇÃO.....	10
1	INTRODUÇÃO.....	13
	OBJETIVOS.....	23
2	SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO SEXUAL.....	25
2.1	DEFICIÊNCIAS E EDUCAÇÃO ESPECIAL.....	36
2.2	SEXUALIDADE E DEFICIÊNCIAS.....	45
3	MÉTODO.....	54
3.1	SUJEITOS DA PESQUISA E ESCOLA.....	56
4	RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	70
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	88
	REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	92
	APÊNDICES.....	102
	APÊNDICE A – DESCRIÇÃO DAS OFICINAS.....	103
	ANEXOS.....	107
	ANEXO A – TERMO DE CONSCIENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO.....	108
	ANEXO B – RESUMOS DOS ARTIGOS APRESENTANDOS NOS QUADRO INTRODUTÓRIOS.....	109

APRESENTAÇÃO

Meu nome é Franciely Paliarin, sou formada em Ciências Biológicas pela Universidade Estadual do Norte do Paraná. Neste curso, logo no terceiro semestre, comecei a participar voluntariamente de um estágio, no qual, alunos em duplas, aplicávamos oficinas de sexualidade, já pré montadas e treinadas antecipadamente. Comecei a me engajar no tema, e permaneci pesquisando nessa mesma linha, posteriormente com palestras nos municípios da cidade, aplicando questionários. Foi, então, participando do SIES (Simpósio Internacional de Educação Sexual), ao assistir a uma palestra sobre sexualidade e deficiência, que fiquei interessada na matéria e decidi pesquisar um pouco mais sobre a área. Fiquei um pouco apreensiva, mas resolvi encarar o desafio. Para o meu trabalho de conclusão de curso deliberei, então, adaptar as oficinas que usamos durante o projeto anterior para aplicá-las em uma instituição de educação especial (APAE) de uma cidade do norte paranaense. Desde então, não quis mais parar de estudar sobre os temas que versavam sobre a sexualidade e deficiências.

Percebi, nesse primeiro contato, a carência de informação dos alunos e a necessidade que sentiam de falar, conversar e perguntar sobre sexualidade. Em diálogo com os pais e professores, estes também reforçaram a importância de projetos dessa natureza, pois não se sentiam à vontade para tratar o tema com os adolescentes.

A maneira como lhes é restrita a possibilidade de vivência da própria sexualidade é o desafio que acredito me manter totalmente envolvida com o tema. A maneira como eles acabam criando um laço maior, contando sobre sua vida pessoal, seus casos, tirando dúvidas, mostra que realmente precisam de alguém que lhes dê

respostas, para questões que nos parecem tão corriqueiras. Enfim eles necessitam de alguém que dê informações para uma melhor e mais segura vivência de sua sexualidade, alguém que não se mantenha imparcial sobre o tema por se tratarem de crianças, adolescentes e jovens especiais.

Sendo assim, quando vi a oportunidade de participar de um mestrado em Educação Sexual, escrevi um projeto que me manteria nessa mesma linha de pesquisa. Consegui a aprovação e tive a oportunidade de ser orientada por uma das pessoas que mais dominam a matéria, ampliando minha visão sobre o assunto e me mostrando caminhos que só me fazem querer estudar cada vez mais sobre sexualidade e deficiências: minha estimada orientadora, professora Fátima Denari.

Ao longo da realização desse trabalho cresci muito como pessoa, aprendi a respeitar o desconhecido, pois a Educação Especial era uma área desconhecida por mim. Por outro lado, estudar a sexualidade fez com que eu também me repensasse como ser introduzido no coletivo, me vi cheia de tabus e preconceitos. Eu não sabia, eram implícitos, talvez ainda os tenha, não posso desconsiderar, porém cada vez mais me vejo como uma pessoa melhor no sentido de compreender cada ser humano como único, com capacidades que diferem uns dos outros, e apesar do padrão gerado e consolidado, este padrão não deveria ser capaz de ditar o que é “pior ou melhor”.

Aprendi, ao longo desses anos, que a marginalização acontece porque, como sociedade, nós tendemos a excluir o que foge do padrão. O diferente acaba por incomodar, possivelmente, por ser desconhecido, mas todos deveriam experimentar o prazer de conhecer e compreender o que se julga diferente.

Talvez eu jamais tivesse chegado ao entendimento da necessidade de compreender o ser humano em sua essência, se não tivesse feito uma série de

pensamentos. A convivência com o diferente, seguido pelo conhecimento sobre o que me era, outrora, ignorado, despertou em mim essa paixão pela descoberta de novos sentidos, de novas pessoas, de novos saberes. Isso me fez, com certeza, muito mais humana.

O conjunto de todas essas ideias, ambições e novos conhecimentos me levaram à seguinte questão de pesquisa que norteia esta dissertação: de que forma adolescentes e jovens adultos, com deficiências, percebem, expressam e vivenciam sua sexualidade?

Para respondê-la, não há como prescindir de objetivos e método que possibilitem a descoberta de fatos, a consolidação de ideias e até mesmo a desmistificação de alguns pontos de vista.

1 INTRODUÇÃO

Sabe-se que a educação sexual nem sempre trata de assuntos confortáveis para pais e educadores. Na medida em que os anos avançam, a sociedade tem demonstrações de mais maleabilidade ao falar sobre a sexualidade, porém, pessoas ainda evitam responder perguntas, tecer comentários e manter um diálogo aberto. No campo educacional o cenário não é diferente.

Ainda que os pais digam que é importante informar sobre a sexualidade, os mesmos afirmam ter dificuldades de falar sobre. Às vezes, não possuem muita informação, e para não passar um conhecimento equivocado ao filho, preferem não comentar, delegando tal função à escola, como visto no trabalho realizado com adolescentes de uma instituição de educação especial após entrevista com mães dos alunos participantes (Paliarin, 2012). Constatou-se que todas as mães participantes sinalizaram que preferiam que o tema fosse trabalhado nas escolas, uma vez que tinham dificuldades de fazê-lo em casa.

No campo da Educação Especial, a manifestação da sexualidade também é vista por muitos como um desafio, devido exigir tratamento um pouco mais metódico e individualizado com os alunos, se comparado às escolas de ensino regular.

Segundo Maia (2001), os professores, profissionais e familiares das pessoas com deficiência possuem conhecimentos escassos a respeito da sexualidade e questões relacionadas a este assunto. Apenas recentemente pesquisadores têm refletido sobre os aspectos da sexualidade ao longo do desenvolvimento das pessoas com deficiências e sobre as possíveis ações educativas adequadas para elas.

As pessoas com algum tipo de deficiência são vistas de maneira muito controversa pelos seus pais e pelos educadores. Para Trabbold (2006), muitos pais não aceitam que

seus filhos tenham necessidades especiais e os tratam como “anjos assexuados”, inclusive pelo medo da exposição dos adolescentes a riscos físicos e emocionais. Maia (2006) diz que a negação da sexualidade de uma pessoa com deficiência tem como fundamento a noção de que os deficientes são assexuados. Não se questiona a sexualidade da vida de alguém com deficiência, pois para grande parte da sociedade, ela simplesmente não existe. Contudo os profissionais das instituições especializadas tendem a rotulá-los como pessoas hipersexualizadas, que não têm autocontrole (Trabbold, 2006). A esse respeito, Glat (1992) defende que pessoas com deficiência intelectual apresentam plena capacidade de participar de programas de Educação Sexual, seguindo os mesmos critérios para pessoas sem deficiência.

Julgou-se necessário no presente trabalho, realizar um levantamento bibliográfico por artigos de dois periódicos que tratam exclusivamente da educação especial, sendo esses: Revista Brasileira de Educação Especial (RBEE), publicada pela Associação Brasileira de Pesquisadores em Educação Especial (ABPEE) e Revista Educação Especial (REE), publicada pela Universidade Federal de Santa Maria/RS (UFSM). Justifica-se tal escolha por serem estes dois periódicos os mais representativos das produções em Educação Especial no Brasil. Buscou-se por descritores que estão diretamente ligados ao tema central dessa dissertação. Os artigos pesquisados foram publicados entre os anos de 2000 a 2015. Os resultados desse levantamento e o número de artigos encontrados de acordo com os seguintes descritores: Deficiência Mental e Sexualidade; Deficiência Intelectual e Sexualidade; Deficiências; Deficiência e Educação Sexual; Deficiência e Afetividade; Sexualidade; Afetividade; Deficiência Intelectual; Sexualidade e Educação Especial.

Na Revista Brasileira de Educação Especial, foram encontrados 60 artigos. Destes em onze artigos havia a duplicidade ao modificar os descritores. Dos que

restaram foram selecionados os cinco artigos que mais se relacionavam ao tema do presente trabalho, para serem apresentados nos quadros a seguir:

Quadro 1 - Artigos selecionados a partir de descritores específicos na Revista Brasileira de Educação Especial no período de 2005 a 2015.

Autores / ano	Título	Resumo do artigo
<i>DANTAS, Taísa Caldas; SILVA, Jackeline Susann Souza e CARVAL HO, Maria Eulina Pessoa de. (2014)</i>	Entrelace entre gênero, sexualidade e deficiência: uma história feminina de rupturas e empoderamento	O texto objetiva analisar o processo de empoderamento e o exercício da autoadvocacia na vida de pessoas com deficiência como condições que influenciam o reconhecimento da identidade de gênero e das questões de sexualidade. O argumento central defendido é o de que a visão comum sobre as pessoas com deficiência está relacionada geralmente ao rótulo incapacitante da deficiência, acarretando a invisibilidade da sexualidade e o não reconhecimento do ser homem/mulher com deficiência.

<i>FRANCA, Dalva</i> <i>Nazaré Ornelas</i> <i>(2013)</i>	Sexualidade da pessoa com cegueira:da percepção à expressão.	Este estudo teve por objetivo apreender como as pessoas com cegueira congênita percebem e expressam sua sexualidade. Participaram 11 pessoas ambos os gêneros, com idades entre 22 e 54 anos com nível educacional desde o fundamental até o superior incompleto. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas e sessões de grupo focal
<i>LITTIG, Patrícia</i> <i>Mattos Caldeira</i> <i>Brant; CARDIA,</i> <i>Daphne</i> <i>Rajab; REIS,</i> <i>Luciana</i> <i>Bicalho e FERRA</i> <i>O, Erika da Silva</i> <i>(2012)</i>	Sexualidade na deficiência intelectual: uma análise das percepções de mães de adolescentes especiais.	Texto investiga as concepções que mães de jovens com DI têm sobre a sexualidade deles e como elas irão refletir na adoção de práticas de educação sexual, foram entrevistadas 20 mães de adolescentes entre 12 a 18 anos, de ambos os sexos, com diagnóstico de DI, atendidos numa clínica escola. Em geral, as mães não reconhecem uma identidade sexual em seus filhos e, por conseguinte, não fornecem uma educação sexual, reproduzindo a concepção social e cultural que nega a existência da sexualidade quando associada à DI.

MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi e RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. (2010)	Desfazendo mitos para minimizar o preconceito sobre a sexualidade de pessoas com deficiências.	Este texto aborda a presença de ideias preconceituosas sobre a sexualidade de pessoas com deficiência discorrendo, de modo crítico e reflexivo, sobre diversos mitos. A crença nesses mitos revela um modo preconceituoso de compreender a sexualidade de pessoas com deficiência. Esclarecer esses mitos é um modo de superar a discriminação social e sexual que prejudica os ideais de uma sociedade inclusiva.
<i>LUIZ, Elaine Cristina e KUBO, Olga Mitsue. (2007)</i>	Percepções de jovens com Síndrome de Down sobre relacionar-se amorosamente.	O objetivo do trabalho foi descobrir quais as percepções de jovens com Síndrome de Down sobre relacionar-se amorosamente. Para isso, duas mulheres e três homens com Síndrome de Down, com idade entre 18 e 28 anos, foram entrevistados individualmente. Os resultados concluem que as percepções desses jovens sobre relacionamentos amorosos não diferem daquelas de jovens sem síndrome.

<i>GUHUR, Maria de Lourdes Perioto. (2007)</i>	A manifestação da afetividade em sujeitos jovens e adultos com deficiência mental: perspectivas de Wallon e Bakhtin.	No presente texto discute-se a objetivação das emoções na trama discursiva desenvolvida por jovens e adultos com deficiência mental participantes de um programa de atendimento pedagógico alternativo. Os resultados obtidos evidenciam formas diferenciadas de inter-relações se concretizando, a exteriorização das emoções sendo mediada por linguagens simbólicas.
<i>RECHINELI, Andréa; PORTO, Eline Tereza Rozante e MOREIRA, Wagner Wey. (2008)</i>	Corpos deficientes, eficientes e diferentes: uma visão a partir da educação física.	O texto analisa o ser humano classificado por seu corpo deficiente no passado, eficiente no presente e diferente no futuro. Consultando vários autores, foi apresentada uma retrospectiva histórica do corpo deficiente no passado, uma análise das principais abordagens da Educação Física no trato com o corpo eficiente no presente e uma reflexão sobre o corpo diferente no futuro.

<i>CURSINO, Helen</i> <i>Milene; RODRIGU</i> <i>ES, Olga Maria</i> <i>Piazzentin</i> <i>Rolim; MAIA, Ana</i> <i>Cláudia</i> <i>Bortolozzi e PALA</i> <i>MIN, Maria Estela</i> <i>Guadagnucci.</i> <i>(2006)</i>	Orientação sexual para jovens adultos com deficiência auditiva.	O estudo investigou o tema da sexualidade junto a 14 jovens adultos com deficiência auditiva de 18 a 35 anos de idade, Os objetivos foram: identificar quais as necessidades de informação no que diz respeito à sexualidade; intervir, através de um programa de orientação sexual, informando e discutindo sobre temas referentes à sexualidade e verificar a aquisição de informação obtida com o programa de orientação sexual.
--	--	--

Fonte: elaborado pela autora

Na REE/UFSM foram encontrados um total de 51 artigos, sendo que destes, seis apresentavam duplicidade, e foram excluídos. Foram selecionados três artigos que mais se aproximavam do tema desta dissertação para serem apresentados a seguir.

Quadro 2 - Artigos selecionados a partir de descritores específicos na revista Educação Especial/UFSM, no período de 200 a 2015.

Autores / ano	Título	Resumo do artigo
<i>Myrna Wolf Brachmann dos Santos, Antônio Carlos do Nascimento Osório (2010)</i>	Saber e prática na constituição da sexualidade da pessoa com deficiência mental	Texto com objetivo de evidenciar a relação existente entre a produção do saber e as práticas cotidianas que se estabelecem no meio social, tendo os estudos de Foucault por fundamentação teórica. É parte de uma dissertação que analisou produções acadêmicas cujo tema é a sexualidade da pessoa com deficiência mental relacionando-as a um projeto de orientação sexual desenvolvido com jovens com deficiência mental.

<i>Tania Mara Zancanaro Pieczkowski (2007)</i>	Educação sexual de pessoas com deficiência mental	Percebe-se que a abordagem do referido tema prioriza aspectos anatômicos e se mostra fragmentada, imbricada à culpa e ao medo. É importante conscientizar a sociedade, principalmente as famílias de pessoas com deficiência mental e profissionais que atuam com esse grupo, que pessoas com deficiência mental não são assexuadas, tampouco têm sua sexualidade incontrolável.
--	--	--

<i>Lilian Fenalti</i> <i>Salla, Alberto</i> <i>Manuel Quintana</i> (2002)	A sexualidade enquanto tema transversal: educadores e suas representações	O artigo aborda a questão da sexualidade humana a partir de uma investigação de cunho qualitativo e fenomenológico. A principal finalidade desta investigação foi apreender as concepções acerca da sexualidade humana vigentes entre educadores de escolas públicas estaduais de Santa Maria. A aproximação da realidade focada foi desenvolvida com base na teoria das Representações Sociais. A técnica utilizada para a obtenção dos dados foi a entrevista semiestruturada. O estudo demonstrou que a Representação que os educadores têm sobre a sexualidade humana é bastante reducionista e atrelada ao sexo orgânico, desprezando-se os seus aspectos sócio-político-culturais.
---	---	---

Fonte: Elaborado pela autora

Conclui-se que ainda há muito o que se pesquisar na área de sexualidade e deficiências, uma vez que não há uma grande quantidade de artigos abordando os dois temas em conjunto, ou mesmo o tema da sexualidade dentro de periódicos que tratem principalmente da Educação Especial. Muitos estigmas estão por serem desfeitos, e há muito o que se descobrir dentro desse território a ser desbravado, para que seja possível mais compreensão sobre como é a sexualidade de pessoas em situação de

deficiência intelectual e, então, possamos a vislumbrar essa quebra de preconceito social quanto ao assunto e, de fato, possamos exercer a inclusão social, proporcionando assim uma vivência mais completa e íntegra de todos dentro da nossa sociedade.

Tendo em vista estas considerações, bem como a questão norteadora, este trabalho tem por objetivo geral:

Investigar de que forma jovens e adultos, com deficiências, expressam que percebem e vivenciam sua sexualidade.

Assim sendo, estabelecemos o seguinte **objetivo geral**:

Investigar junto a um grupo de alunos com deficiência intelectual de uma instituição especial de que forma percebem e vivenciam sua sexualidade.

Objetivos específicos:

Aplicar oficinas versando temas de sexualidade com os alunos;

Analisar os resultados obtidos nessas oficinas junto a estes alunos.

Para tanto, pensou-se que um método mais adequado para abordar a temática com naturalidade em oficinas. Parte-se da ideia de que oficinas podem ser entendidas como um espaço “de aprendizado de saberes, de experimentação de práticas, de reprodução de informações – e, também, como um espaço de descoberta e de autodescoberta; de invenção, de contato com o novo, de inovação (...)” (Pimentel, 2007, p.76). Deste modo, tais atividades podem vir a tornar os assuntos relacionados à Educação Sexual mais espontâneos, evitando a transmissão de informações que nem sempre estão claras, e possibilitando aos adolescentes mais compreensão de sua sexualidade, bem como um

entendimento das mudanças que ocorrem em seu corpo, assim, estes podem agir de maneira condizente com as faixas etárias e níveis cognitivos em que se encontram.

Este trabalho divide-se em quatro partes. Na primeira é tratada a Educação Sexual na escola, além disso, são apresentadas algumas considerações a respeito da educação especial e sexualidade. A segunda parte consiste na descrição dos procedimentos metodológicos da pesquisa e uma síntese das cinco oficinas. A seguir, na terceira parte, apresentamos os resultados e discussão de investigação. Por fim, na última parte, fazemos algumas considerações finais.

2 SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO SEXUAL

Para se falar de sexualidade humana é necessário entender, a princípio de conversa, que ela não pode ser vista apenas pelo prisma do ato sexual e reprodutivo. Nela existem várias considerações a serem relevadas justamente pela complexidade do ser humano.

Entendemos a sexualidade de forma abrangente considerando sua influência sobre todos os aspectos da vida humana desde a concepção até a morte, manifestando-se em todas as fases da vida (infância, adolescência, fase adulta, terceira idade) sem distinção de raça, cor, sexo, deficiências, etc.; considerando a genitalidade como uma de suas formas de expressão, porém não a única. (Dias, 1997, p.122).

Ainda, segundo Maia (2008):

Lembramos que o conceito de sexualidade é bastante amplo e difuso. A sexualidade é compreendida como um conceito que expressa historicamente as concepções sobre a vida humana no que diz respeito às práticas sexuais e afetivas. É um conceito abrangente, que inclui aspectos da genitalidade, mas não se resume a ela, isto é, diz respeito a sentimentos, emoções prazeres e erotismo libidinal envolvido nas relações interpessoais, que incluem ou não o relacionamento sexual entre indivíduos. (p. 69).

O homem, como ser social, recebe uma carga de entendimentos, associações comportamentais, ideias de relações afetivas, que passam a ser reproduzidas vivendo em grupo. Logo, a sexualidade deve ser considerada de forma intrínseca ao seu plano psíquico e social, não apenas biológico (Correia, 1997).

A sexualidade é tão intrínseca ao nível social, que é notável como o comportamento sexual, o entendimento deste e a discussão sobre o mesmo variam conforme o tempo e local (Maia, 2001). Historicamente, há a compreensão do sexo sendo usado como objeto de poder manifestado por meio da força; da dicotomia e soberania de um gênero sobre o outro; de diretrizes religiosas para o sexo; de saneamento e polícia do Estado (Altmann, 2001).

O sexo não se restringe às concepções biológicas, mas é usado dentro da formulação de paradigmas políticos e religiosos para exercer o controle da sociedade, criando uma espécie de gerenciamento social, que define os comportamentos a serem seguidos, sugerindo que os mesmos levariam a um bem comum.

Foucault (2014) apontou a intervenção estatal na matéria como forma de policiar a sociedade em busca de um bem comum:

Por volta do século XVIII nasce uma incitação política, econômica, técnica, a falar do sexo. (. . .) cumpre falar do sexo como de uma coisa que não se deve simplesmente condenar ou tolerar, mas gerir, inserir em sistemas de utilidade, regular para o bem de todos, fazer funcionar segundo um padrão ótimo. O sexo não se julga apenas, administra-se. Sobreleva-se ao poder público; exige procedimentos de gestão; deve ser assumido por discursos analíticos. No século XVIII o sexo se torna questão de 'polícia', mas no sentido pleno e forte que se atribuía então a essa palavra - não como repressão de desordem e sim como majoração ordenada das forças coletivas e individuais. (p. 26 e 27).

A compreensão da sexualidade está além dos termos e definições, relacionadas ao ato sexual, uma vez que faz parte da vida cotidiana, influencia no comportamento social e maneira de se relacionar com pares, senso crítico e político, e esse todo está em um constante processo de construção, tendo por base os acontecimentos históricos, porém sendo

influenciado pelas manifestações que ocorrem na situação atual, criando em cada época, e contexto cultural uma concepção específica dentro do contexto geral de como a sexualidade exerce influência em todo o comportamento humano.

A sexualidade é inerente a todos nós e a maneira como a compreendemos é construída historicamente a partir de nossa educação sexual e da influência da cultura e da sociedade; portanto, é preciso compreender nossa história considerando as questões de desenvolvimento humano e as questões sócio culturais, pois os valores, as práticas e as concepções acerca de sexo e sexualidade são diferentes de época para época e de povo para povo. (Maia & Ribeiro, 2009, p.9).

Não podemos descartar instintos e fantasias desse conjunto formador das características sexuais de um ser humano.

Há, então, necessidade de que a sexualidade seja entendida como “o mais íntimo e privativo no homem se contrapondo ao social e ao coletivo, com força potencial de modificá-lo e até subvertê-lo, para daí enfrentarmos o desafio de saber de suas possibilidades educacionais” (Guimarães, 1995, p. 21).

Existe um contraponto muito nítido ainda, entre a sexualidade do indivíduo e a maneira como é vista socialmente, em que neste caso o indivíduo, não pode apenas ser gerido pelas informações, e ensinamentos decorrentes do meio social, mas também, a capacidade de auto avaliação, para a compreensão de seus próprios desejos, para aquilo que lhe satisfaça como ser humano.

A sexualidade, no nosso entender, é um conjunto de fatos, sentimento e percepções vinculado ao sexo ou a à vida sexual. É um conceito amplo que envolve a manifestação do impulso sexual e o que dela é decorrente: o desejo, a busca de um

objeto sexual, a representação do desejo, a elaboração mental para a realização do desejo, a influência da cultura, da sociedade e da família, a moral, os valores, a religião, a sublimação, a repressão. (Ribeiro, 2005, p.18).

Entende-se a sexualidade como parte integrada à personalidade, envolvendo aspectos físicos, emocionais, psicológicos e sociais. Informações injetadas na infância e adolescência refletem de modo significativo na vida adulta, inclusive na área sexual do indivíduo, e “embora a sexualidade seja uma experiência pessoal ela reflete os padrões sociais de onde nos desenvolvemos” (Maia & Ribeiro, 2009, p. 11).

Nesse mesmo sentido, Rossi (2009) também afirma que a “sexualidade ainda é um tabu na maior parte das instituições sociais, este começa na família, se estende até a escola e toma forma na sociedade” (p. 149).

No meio social, a afetividade tem conceito amplo e é de busca do homem enquanto ser, ela faz parte das relações interpessoais, podendo ou não ser conectada ao sexo. A forma de receber e expressar afeto somada ao impulso sexual devem ser levados em consideração em conjunto dentro dessa análise da sexualidade humana no que tange à sua psique (Dias, 1997).

Observando e refletindo sobre esse complexo de fatores capaz de construir e talhar a personalidade sexual do ser humano, Correia (1997) foi pontual ao afirmar que “a sexualidade de cada pessoa é tão individualizada como a impressão digital” (p. 33).

Com base nisso, entende-se que seja imprescindível a abordagem da matéria para os indivíduos em uma sociedade, para bem estar comum, devendo ser feita ainda em âmbito escolar.

Entendemos por educação sexual o processo pelo qual as pessoas formam suas concepções sobre a sexualidade em uma cultura e sociedade, desde o nascimento até a morte. Este processo ocorre no cotidiano das relações sociais: família, comunidade, amigos, mídia, etc. e tem diferentes dimensões biológicas, psicológica social e ética. (Maia, 2008, p.71).

A escola não é vista mais apenas como um ambiente de aprendizagem sistemática de conteúdos, também tem sido atribuída a ela a responsabilidade de perfazer algumas lacunas sociais, tem por necessidade a formação para a cidadania e contemplação de educação para as diversas áreas de sua vida, não só futuramente profissional mas também pessoal. Dentro destas perspectivas, aos professores das diversas áreas do conhecimento também cabe a tarefa de orientação quanto à sexualidade, não sendo esta com um caráter apenas biológico e, sim, inserida transdisciplinarmente nos conteúdos escolares.

Sendo a sexualidade algo que se constrói e aprende, parte integrante do desenvolvimento da personalidade, capaz de interferir no desempenho escolar, as questões da sexualidade não se resumirão na solução de questões emergentes, mas num contínuo Programa de Orientação Sexual a nível de família, escola e sociedade. (Neves, 1997, p.87).

Dentro do nosso contexto social e temporal, a sexualidade tem sido abordada de forma mais aberta, contudo, uma série de tabus ainda faz com que o acesso a informações sobre este assunto sofra restrições. As famílias ainda sentem diversos embaraços para tratar do tema com as crianças em seus lares, deixando esse papel na mão dos educadores, portanto, se tornando necessário que estes estejam aptos a dialogar sobre sexualidade de maneira clara, respeitosa, preparada e não discriminatória (Ferriani, 1994).

O papel da educação escolar é também de mediadora na constituição das pessoas e na produção da cultura universal humana, criando um processo educativo intencional e direcionado, por meio do qual, esta é instigada a se apropriar das formas mais desenvolvidas do saber e também receber subsídios para sua formação social.

A educação sexual foi inserida e institucionalizada oficialmente no âmbito escolar por meio dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) como um tema transversal. Cabe explicar que os PCN são um conjunto de propostas educativas, que tem por objetivo “apontar as metas de qualidade que ajudem o aluno a enfrentar o mundo atual como cidadão participativo, reflexivo e autônomo, conhecedor de seus direitos e deveres” (Brasil, 1997, p. 2).

Sabe-se que as curiosidades das crianças a respeito da sexualidade são questões muito significativas para a subjetividade, na medida em que se relacionam com o conhecimento das origens de cada um e com o desejo de saber. A satisfação dessas curiosidades contribui para que o desejo de saber seja impulsionado ao longo da vida, enquanto a não-satisfação gera ansiedade, tensão e, eventualmente, inibição da capacidade investigativa. A oferta, por parte da escola, de um espaço em que as crianças possam esclarecer suas dúvidas e continuar formulando novas questões, contribui para o alívio das ansiedades que muitas vezes interferem no aprendizado dos conteúdos escolares. (Brasil, 1997, p. 292).

Os PCN preveem conteúdos para abordagem da sexualidade pelos educadores, sendo sugerida a opção de tratá-la de maneira transversalmente integrada na grade transversalmente. Indica-se este formato para que o conteúdo e os objetivos propostos sejam vistos de maneira mais ampla por diversas áreas de conhecimento, inclusive porque é entendido que a sexualidade não deve ser restrita à disciplina de biologia; pelo contrário, deve ser expandida para outras que a abordem em sentido amplo, uma vez que a sexualidade tem grande poder de interferência na sociedade, nas relações interpessoais dessas pessoas enquanto cidadãos e na esfera pessoal do indivíduo (Brasil, 1997). De acordo com Figueiró;

(. . .) a educação sexual tem a ver com o direito de toda pessoa de receber informações sobre o corpo, a sexualidade e o relacionamento sexual e, também, com o direito de ter várias oportunidades para expressar sentimentos, rever seus tabus, aprender, refletir e debater para formar sua própria opinião, seus próprios valores sobre tudo que é ligado ao sexo. No entanto, ensinar sobre sexualidade no espaço da escola não se limita a colocar em prática, estratégias de ensino. Envolve ensinar, através da atitude do educador, que a sexualidade faz parte de cada um de nós e pode ser vivida com alegria, liberdade e responsabilidade. Educar sexualmente é, também, possibilitar ao indivíduo, o direito a vivenciar o prazer. (Figueiró, 2009, p. 163).

Esse documento (PCN) também disponibiliza orientações de como o profissional da área da educação deve proceder ao tratar do tema da sexualidade com seus alunos. Elenca aspectos como clareza, amplitude, flexibilidade e outras características importantes (Brasil, 1997).

Ainda nessa matéria, Souza (2003) afirma que “a educação sexual deverá ocorrer num clima de cordialidade, tranquilidade e num processo de comunicação, com diálogo franco, adequado ao nível etário e emocional de quem questiona, sempre com muito respeito e objetividade” (p. 18).

Segundo Figueiró (2009), por meio dos PCN, muitos profissionais da Educação conseguiram ter clareza em relação ao papel essencial que as escolas devem cumprir no tocante ao ensino da sexualidade.

Há uma concordância acerca da sexualidade ser abordada pela escola. PCN e diversos autores do meio visualizam como benéfica, útil e pontual a atuação da escola sobre o tema, uma vez que crianças e adolescentes passam grande parte do seu dia nesse ambiente, há tendência de ser o primeiro espaço em que esses indivíduos criam relações de amizade e

afetividade fora do âmbito familiar, podendo ser o primeiro círculo em que expressarão sua sexualidade de forma mais afetiva e, inclusive, ter primeiros contatos com o sexo através de conversas descontraídas, que podem levar a certo desconforto quando e se não bem orientado. (Maia & Ribeiro, 2009).

Para instruir o professor, o próprio PCN afirma que o trabalho de Orientação Sexual na escola se faz problematizando, questionando e ampliando o leque de conhecimentos e de opções para que o próprio aluno escolha seu caminho (Brasil, 1997).

Atentando-se às palavras de Figueiró (2009), “a educação sexual, quando inserida no contexto escolar, não pode ter apenas um caráter informativo, mas, sobretudo, um valor de intervenção no interior deste espaço.” (p. 50)

Além do papel informativo, a educação sexual pode influenciar em melhorias que estão além de ser somente na vida pessoal e íntima do aluno, e também na convivência com seus pares, a maneira em que comportam coletivamente.

Altmann (2001) afirma que:

(. . .) através da colocação do sexo em discurso na escola há um complexo aumento de controle exercido sobre os indivíduos, o qual se exerce não através de proibições, punições, mas através de mecanismo positivos de poder que visam a produzir sujeitos autodisciplinados no que se refere à maneira de viver sua sexualidade. (p. 382).

E ainda sabemos que quando a questão da sexualidade é tomada como algo sério a ser esclarecido, compreendido e estudado, tende a modificar a relação agitada dos adolescentes com o tema. (Brasil, 1997). Gagliotto, Faust & Santos (2012) afirmam que a sexualidade, num contexto de educação global do aluno promove o desenvolvimento psicosssexual, que

tem por consequência a construção e aceitação de regras sociais e também a definição de valores sexuais. Este indivíduo vivenciará a sua sexualidade com respeito a si, ao seu corpo e ao próximo.

Mantendo este mesmo princípio e se tratando da escola como local escolhido para a abordagem da sexualidade, Gherpelli (1996) diz que:

A escola foi o lugar eleito para inserir, no processo educacional, a educação preventiva. (. . .) O trabalho de educação preventiva ligado à sexualidade envolve a definição de diretrizes que contemplem a formação integral do adolescente e a participação efetiva de todos os integrantes do universo escolar. Na realização da orientação sexual, são fundamentais, para a credibilidade das ações preventivas, posturas seguras e assertividade. (p. 61).

Cabe, no entanto, destacar que “a parte efetiva de todos os integrantes do universo escolar” ainda representa mais um objetivo a ser alcançado do que uma realidade a ser vivenciada.

Contudo Ribeiro (2009) pontua, porém, que o advento dos PCN pode ser considerado um grande avanço para a discussão da sexualidade, mas nada fora feito de fato no sentido de formar professores aptos a trabalharem com as diferentes questões que abrangem este tema na escola.

O movimento de criar o documento, mesmo sendo este bem planejado, com dizeres coerentes, não são suficientes, uma vez que mais importante em que o comportamento a ser baseado, o preparo dos profissionais da educação deve ser proporcionado para que a aplicação do documento seja efetiva e posta em prática dentro de todo ambiente escolar.

Acho que os PCN foram bem construídos e propuseram que posturas e palavras desgastadas ganhassem outras significações, que as crianças e os jovens pudessem ter espaços para a sua identidade de povo, de gente, de pessoa que é sexuada e que tem direito a ser informada, a poder exercer a afetividade, a adquirir maior compreensão de si, para melhor administrar seu corpo, sua intimidade, seus afetos e paixões. Resta saber se a dialética do viver das escolas, eles “pegaram”. (Guimarães, 2009, p. 16).

Impossível deixar de notar a problemática existente em relação à sexualidade como tema educacional. Apesar do PCN apresentar causa, metodologia e objetivo de ser, é de notório saber que a realidade das escolas no que tange à educação sexual está bem distante do que o PCN dispõe. (Ribeiro, 2009).

A meta do planejamento é ótima, contudo, enquanto os educadores não forem melhor preparados para repassar e instruir esse tipo de informação, continuará havendo uma longa distância na conclusão desses objetivos de forma exitosa, para uma melhor vivência do ser humano na sua sexualidade e também enquanto cidadão integrado a um meio social, que requer normas e regras para bem estar comum em conjunto.

Infelizmente, a realidade das escolas não contempla o ideal do PCN de abordar a sexualidade através do prisma da transversalidade entre as matérias, fazendo com que elas dialoguem entre si para uma compreensão global sobre o assunto. Existem princípios bem colocados, trabalho bem imaginado, uma proposta ótima, contudo, o PCN foi apresentado a uma realidade que não permite concretizar essa necessidade a curto prazo (Guimarães, 2009).

Frasson-Costa (2012) nos traz que:

(. . .) ninguém é capaz de se desvencilhar das questões que envolvem a sexualidade, porque ela faz parte do ciclo vital, seja para vivência dos prazeres que

proporciona, seja para reprodução da espécie, no sentido mais biológico, ou ainda, para compor a história dos indivíduos nas diferentes culturas, imersos nos significados e contextos socialmente construídos. (p. 30).

Por fim, se conseguirmos superar os obstáculos restantes que separam a realidade escolar no que concerne à educação sexual do plano do PCN com objetivo de excelência dentro da transversalidade educacional da sexualidade, teremos a tão desejada orientação sexual emancipatória, “que proporcionará ao orientando compreensão plena, integral, histórica, ética, estética e psicossocialmente significativa e consciente das potencialidades sexuais humanas e sua vivência subjetiva e socialmente responsável e realizadora” (Nunes & Silva, 2000, p.17).

2.1 DEFICIÊNCIAS E EDUCAÇÃO ESPECIAL

A educação das crianças deficientes surgiu institucionalmente, mas de maneira tímida, no conjunto das concretizações possíveis das ideias liberais que tiveram divulgação no Brasil no fim do século XVIII e começo do XIX (Jannuzzi, 2006).

Pode se supor que apenas as crianças mais prejudicadas pelas deficiências permaneciam como adultos em locais que algumas Santas Casas mantinham para doentes e alienados. Provavelmente, quando a deficiência era menos acentuada, recebiam o mesmo tratamento de qualquer outro (Jannuzzi, 2006).

Segundo Jannuzzi (2006), foi no século XVIII que se deu a criação no Brasil do primeiro instituto para cegos, o Imperial Instituto dos Meninos Cegos, no Rio de Janeiro, no qual era oferecido o ensino para jovens cegos, em regime de internato. Posteriormente um instituto para educação de surdos também foi criado, Instituto dos Surdos-Mudos, também no Rio de Janeiro. Ambos atenderam a pouquíssimas pessoas se comparado ao total da população com surdez e cegueira, contudo, já foi um início para discussão dessa educação.

No século XVIII, pouco se examinava a situação de pessoas deficientes, assim, não havia base científica para desvendar o que ocorria com os indivíduos física ou intelectualmente diferentes. Isso também foi um fator determinado pela forte presença da religião nas diversas culturas, que ao comparar a imagem de Deus ao homem dentro dos padrões que a sociedade considera o *status quo*, marginalizava, entre tantas pessoas, os portadores de deficiência. Assim, o entendimento dessas deficiências foi por muito postergado, sempre sendo relacionadas ao misticismo e ocultismo (Mazzotta, 1999).

Em 1983, foi inaugurado um asilo para alienados, próximo à estação de Juquery, em São Paulo, após autorização do Poder Legislativo, pois, na época, existia apenas um hospício

na capital, que sofria com problemas de superlotação e saneamento básico precário (Jannuzzi, 2006).

Só no fim do século XIX, houve a possibilidade de se discutir a existência, no Brasil, de um atendimento para deficientes no ensino regular, visto que, desde os primórdios, o oferecimento daquele era ligado somente ao campo médico. Estes atendimentos a deficientes existiram através de pessoas sensibilizadas com o problema, que conseguiram um pouco de apoio governamental.

Após a Proclamação da República, ainda prevalecia a Educação Especial sendo relacionada à área da saúde, com o Modelo Médico e, desta forma, com a preocupação da eugenia da população brasileira. Tem um grande peso, também, o fracasso escolar, que categoriza como deficiente um maior número de pessoas. Começaram a surgir instituições que atendiam essas pessoas por motivos religiosos ou filantrópicos, mas com pouco ou quase nenhum controle sobre a qualidade do atendimento (Marques, 2013).

Com o fim da Segunda Guerra Mundial, as entidades privadas proliferaram: Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE); Sociedade Pestalozzi; Associação de Assistência à Criança com Deficiência (AACD) e outras. Assim surgiram as federações nacionais e estaduais destas entidades. O governo iniciou também as campanhas nacionais de educação dos deficientes (Jannuzzi, 2012).

No panorama mundial, a década de 1950 foi marcada por discussões sobre os objetivos e qualidade dos serviços educacionais especiais. Enquanto isso, no Brasil acontecia uma rápida expansão das classes e escolas especiais nas escolas públicas e de escolas especiais comunitárias privadas e sem fins lucrativos. O número de estabelecimentos de ensino especial aumentou entre 1950 e 1959, sendo que a maioria destes eram públicos em escolas regulares (Miranda, 2008).

Na década de 1970, iniciou-se a fase de integração, momento em que os alunos com deficiência começaram a ser colocados em classes especiais – destinadas também a alunos com problemas de comportamento e outras diferenças (Mazzotta, 1999), o que gera incompatibilidades e desencontros.

No Brasil, a Constituição Federal de 1988 estabeleceu o direito de as pessoas com necessidades especiais receberem educação, preferencialmente, na rede regular de ensino.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, 9394/96 (LDBEN 9394/96), que no CAP. V trata da Educação Especial, entende em seu art. 58 que a Educação Especial é modalidade de educação escolar oferecida, preferencialmente, na rede regular de ensino, para alunos portadores de necessidade especiais (Brasil, 1996).

Destacam-se aqui dois aspectos positivos: o primeiro refere-se ao fato de a Educação Especial ser considerada uma modalidade de educação escolar, diferentemente dos anos 80, quando era considerada apenas como um serviço destinado a alunos excepcionais, isto é, aqueles alunos que apresentassem: deficiência mental, deficiências sensoriais, físicas e/ou múltiplas, distúrbios de conduta e superdotados (Denari, 2008). Denari (2008) nos traz que:

O estado de São Paulo reitera tais colocações salientando desde a Lei Estadual 10.403/71 até mais recentemente na indicação do Conselho Estadual de Educação (SÃO Paulo, 2000) que a Educação Especial é uma modalidade oferecida para alunos com necessidades educativas especiais que apresentam significativas diferenças físicas, sensoriais ou intelectuais decorrentes de fatores inatos ou adquiridos, de caráter temporário ou permanente e que, em interação dinâmica com fatores socioambientais, resultam em necessidades muito diferenciadas da maioria dos alunos. (p. 204).

Um momento ímpar que podemos destacar na idealização e concretização de projetos visando melhorias nas questões da educação especial é a Conferência Mundial sobre Necessidades Educacionais Especiais: Acesso e Qualidade, que ocorreu em 1994, em Salamanca na Espanha. Nela foi aprovada a Declaração de Salamanca, que democratizava as oportunidades educativas, reafirmando o dever da escola em promover educação de qualidade independente de condições físicas, linguísticas e sociais, independente de modos de vida, características étnicas, cultura ou qualquer outro aspecto de marginalização de crianças. Esses diversos países e organizações internacionais envolvidas nessa conferência retomaram a afirmação de que a escola também é um ambiente de formação social, na qual a convivência e respeito entre todos devem existir de forma igualitária, para trazer como fruto uma sociedade acolhedora e inclusiva, pautada no respeito ao próximo, uma sociedade capaz de oferecer suporte para que todos os indivíduos disponham de oportunidades iguais.

Ainda nesse sentido da educação especial ser ampliada, entendemos que ela nunca foi um lugar, mas sim “(. . .) um conjunto de serviços e apoios especializados para o aluno com necessidades educacionais especiais¹ a fim de ajudá-lo, sempre que possível, a atingir os objetivos do currículo comum” (Correia, 2006, p 247). O local onde estas ações acontecem pode estar circunscrito ao interior da própria sala de aula ou até mesmo fora dela. Esta visão, portanto, afasta-se da posição tradicionalista de conceber a Educação Especial como distanciada do ensino comum. (Correia, 2006).

Sigolo (2008) afirma que “vivemos um momento de revisão da própria existência da Educação Especial. Este movimento, embora sofrido para os que o integram, é bastante saudável, pois algumas convicções foram fortalecidas, argumentos aprimorados e conhecimentos ampliados” (p. 187).

¹ Termo utilizado conforme menção do autor

Torna-se necessário na presente pesquisa uma definição de deficiência, sendo assim, neste capítulo tentaremos enquadrar o que é entendido no presente trabalho como deficiência, uma vez que Omote (1994) ressalta a importância de buscar compreender como os sujeitos interpretam as deficiências, organizam suas percepções em relação a elas e constroem suas relações interpessoais com as pessoas deficientes.

Segundo Omote (1999), a concepção de deficiência é ampla e ambígua, uma vez que sua compreensão abrange variados significados. Muitas definições já dadas à deficiência foram indevidas, muito embora critérios objetivos tenham sido utilizados como base para elaborar reflexões a respeito. Critérios consagrados pela prática, mas que não condizem com as especificações oficiais. Assim, muitos alunos em escolas estão sendo tratados como deficientes mentais, mesmo não atendendo aos critérios estabelecidos de definição de deficiência.

Segundo Santos (2007):

(. . .) explicitar que a concepção de deficiência mental e os significados atribuídos a ela, são o resultado de uma produção histórica e social. Embora esta ou aquela definição, esta ou aquela concepção sejam tomadas como mais ou menos adequada, são sempre o que a sociedade produziu como verdade num dado momento histórico a partir dos elementos culturais e históricos que possui, que a tornam possível ser considerada como tal ou qual. (p. 35)

O CID-10 (1993) define a deficiência intelectual como uma interrupção do desenvolvimento ou pelo desenvolvimento incompleto do funcionamento intelectual, caracterizados essencialmente por um comprometimento, durante o período de desenvolvimento, das faculdades que determinam o nível global de inteligência, isto é, das funções cognitivas, de linguagem, da motricidade e do comportamento social. A avaliação da

inteligência é realizada por meio de testes padronizados, prontuários clínicos e avaliação do comportamento adaptativo e, para completar o diagnóstico, o indivíduo deve apresentar dificuldade de adaptação às demandas do ambiente social normal.

Atualmente, a definição mais abrangente da deficiência intelectual é a apresentada pela AAIDD - American Association on Intellectual and Developmental Disabilities. Segundo a AAIDD (2010) a deficiência intelectual se refere a uma incapacidade caracterizada por limitações significativas no funcionamento intelectual e no comportamento adaptativo, expresso nas habilidades sociais, conceituais e práticas, aparecendo antes dos 18 anos de idade.

Faltam instrumentos padronizados que permitam uma melhor avaliação das dimensões para a definição de deficiência intelectual, uma vez que é feita através de um julgamento clínico, baseado em observações de diversos contextos relativos ao desenvolvimento das pessoas (Sartori, 2011).

Portanto, alunos continuam a ser avaliados por instrumentos formais (testes) e a partir de um diagnóstico nem sempre preciso, mas quase sempre discutível, questionável, são encaminhados aos serviços de Educação Especial disponíveis (classes especiais, salas de recurso, instituições especiais).(Denari, 2008).

No Brasil, segundo autores como Omote (1990), Mazzotta (1996), Amaral (1994), especificamente o conceito da deficiência mental não é bem definido e não há diretrizes oficiais no país para se identificar essa população.

Ribeiro (2011), afirma que “as classificações, principalmente por meio de testes de inteligência, ainda recebem muitas críticas por rotularem e provocarem ideias pré-concebidas

em relação às capacidades, às deficiências e à expectativa sobre o potencial das pessoas” (p. 6).

Maia (2008) reitera que não se pode descartar diferenças biológicas, constitucionais e orgânicas, porém há uma determinação cultural para “o sentido que damos às diferenças em relação aos padrões definidores de ‘normalidade’, que pode ser vantajoso ou desvantajoso” (p. 69).

É sempre colocado em questão que aquele visto como deficiente, não poderá exercer seu papel de forma coerente no convívio social, então já o limita, colocando à margem da sociedade e muitas vezes restringindo suas oportunidades de desenvolvimento, e ao se fazer isso, esquece-se que não é o indivíduo, que não foi capaz de atingir o esperado, mas a sociedade que o privou dos meios para atingir o objetivo final, já o delimitando como incapaz.

Denari (2008) comenta que se tratando de deficiência mental:

(. . .) as declarações alteram-se drasticamente, alicerçadas na crença de não realização, na falta de expectativas futuras. Permanece a ideia de não eficiência, contrapondo-se aos paradigmas propostos na inclusão. (. . .) permanece a imprecisão das conceituações causadas não somente pela variabilidade terminológica e seus significados, sobejamente conhecidos, como também, pela determinação de modelos representativos de tendências historicamente construídas. (p. 206)

De maneira geral, é possível a conclusão que a situação de deficiência, não é uma característica apenas de um indivíduo, mas sim, da maneira como a sociedade o trata, já delimitando sua atuação social.

Adaptações Curriculares em busca da definição de deficiência mental adotada oficialmente, já que o caráter desse documento é regulamentar a visão assumida pela educação brasileira (Brasil, 1999). Segundo este documento, deficiência mental:

Caracteriza-se por registrar um funcionamento intelectual geral significativamente abaixo da média, oriundo do período de desenvolvimento, concomitante com limitações associadas a duas ou mais áreas da conduta adaptativa ou da capacidade do indivíduo em responder adequadamente às demandas da sociedade, nos seguintes aspectos: comunicação; cuidados pessoais; habilidades sociais; desempenho na família e na comunidade; independência na locomoção; saúde e segurança; desempenho escolar; lazer e trabalho. (p. 26).

Mesmo se tratando de um documento oficial, é possível notar, o uso de expressões como “capacidade do indivíduo em responder adequadamente às demandas da sociedade”, quando se é sabido, que o que se tem por “capacidade” nessa frase, é mensurado através de testes, que nem sempre são confiáveis, e que dificilmente conseguem estipular se o indivíduo é ou não capaz, uma vez que a mesma não pode ser mensurada através de um modelo padrão, já que cada ser humano é único, e nem todos alcançam objetivos finais através de um meio padrão.

Segundo Ribeiro, essas classificações que são realizadas por meio de testes “recebem muitas críticas por rotularem e provocarem ideias pré-concebidas em relação às capacidades, às deficiências e à expectativa sobre o potencial das pessoas” (Ribeiro, 2011, p. 6).

Os alunos com deficiência são considerados “aqueles que têm impedimentos de longo prazo, de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, que em interação com diversas barreiras podem ter restringida sua participação plena e efetiva na escola e na sociedade” (Brasil, 2008, p. 15).

Quanto ao diagnóstico da deficiência intelectual, Sartori assegura que o mesmo “se destina a diversas finalidades, tais como elegibilidade para intervenções, recebimento de benefícios e assistência previdenciária, proteção legal e acesso a cotas de emprego” (Sartori, 2011, p.26).

Muitos profissionais recorrem aos sistemas de classificação a fim de diagnosticar e categorizar essas pessoas de acordo com o grau de comprometimento da deficiência. Com base nos testes de avaliação do quociente de inteligência (QI), não obstante o empoderamento do aporte legal que ampara o paradigma da inclusão, as pessoas, presumidamente com DI, ainda são classificadas de acordo com escores obtidos nem sempre confiáveis e quase sempre questionáveis (Denari, 2006).

2.2 SEXUALIDADE E DEFICIÊNCIA

São abordados neste segmento a relação entre a sexualidade e deficiências, alguns dos paradigmas envolvidos, e a maneira como este assunto é geralmente abordado, fazendo um contraponto de um senso comum e os estudos citados no trabalho.

Retomando um pouco do que já vimos sobre a sexualidade anteriormente, temos que “o desenvolvimento da sexualidade está vinculado ao desenvolvimento integral do indivíduo, sendo considerado um elemento constitutivo da personalidade” (Bastos, 2005, p.393).

Principalmente na Educação Especial, é importante que os educadores com intenção de desenvolver ações pedagógicas para auxiliar as pessoas a expressar e desenvolver a sua sexualidade, ter o conhecimento sobre o desenvolvimento da sexualidade humana (Maia e Ribeiro, 2009).

É preciso entender o desenvolvimento fisiológico ocorrido em cada ser humano, e saber que a situação de deficiência por vezes não influencia em nada no comportamento fisiológico daquele corpo, porém, o desenvolvimento psicológico cria essa situação de diferença, portanto, essa é a base para o entendimento de certas atitudes de pessoas em situação de deficiência que são rotineiramente questionadas.

Maia (2003) afirma que “o desenvolvimento da sexualidade ao longo das diferentes fases da vida (. . .) vai ocorrer para todas as pessoas, e as implicações e possíveis desajustes são mais sociais que biológicos e orgânicos” (p. 142).

Como pais e professores por vezes tratam os adolescentes em situação de deficiência de maneira diferente dos demais, não se oferecem a eles as mesmas informações que são dadas aos outros adolescentes, por essa crença comum de que não irão desenvolver a sua sexualidade, a falta de conhecimento então por parte deles, justifica os comportamentos, uma

vez que a falta de informação, faz com que não entendam uma série de desejos, pensamentos e sensações, que estão ocorrendo o tempo todo em seus corpos, e a concepção do que é o pudor, para que as atitudes sejam condizentes com o esperado socialmente.

Segundo Maia e Ribeiro (2009) independentemente de se tratar de adolescentes com deficiência ou não, falar de sexualidade precisa ser algo tão natural como falar de qualquer outro assunto de seu desenvolvimento. Uma vez que “como qualquer outro (a) aluno (a), estas pessoas precisam receber informações sobre sexualidade na escola para se prevenirem e para viverem sua sexualidade de forma bem esclarecida” (p. 52). E ainda continuam dizendo que “eles precisam aprender sobre tudo porque é um direito receber informações e porque o acesso a elas pode prevenir a ocorrência de doenças, o abuso sexual e uma gravidez indesejada.” (p. 52).

Segundo, Ribeiro (2011) “o medo que se tem de lidar com a sexualidade dos deficientes e a falta de informação nesta área faz com que não os ensinemos a decodificar os sinais de perigo que possam antecipar este tipo de situação” (p. 20). E assim, ficam mais vulneráveis quanto à exploração sexual.

No caso da deficiência mental,

(. . .) é preciso considerar que há diferentes graus e potencialidade em cada uma das pessoas diagnosticadas como deficientes mentais, o que impede de fazer uma generalização ou mesmo presunção de como serão as manifestações sexuais nestas pessoas (Maia, 2013, p. 142).

As pessoas que apresentam deficiência sofrem com essa falta de estimulação em relação à sua independência, inclusive financeira e profissional, bem como não se incentiva sua busca a relacionamentos afetivos e sexuais. Criada essa falta de perspectiva, ainda se vê

as pessoas com deficiência segregadas por um ambiente que lhe é inóspito, com baixo convívio social, criando nesses seres humanos uma baixa autoestima e baixa maturidade emocional. Sabe-se que

A sexualidade existe em todas as pessoas e se manifesta em todas as instâncias sociais, inclusive a escola, e que todos têm o direito de receber informações sobre sexualidade prestadas por profissionais que tenham o conhecimento pedagógico e científico necessário para proporcionar esclarecimentos, propor caminhos e ajudar as pessoas a lidar com a ansiedade e resolver problemas (Maia e Ribeiro 2009, p. 10)

Não basta apenas dar a informação, mas é importante a maneira como esta lhe é passada, sem estar atrelada a paradigmas sociais, não sendo uma maneira de julgar, mas uma maneira de auxiliar as perspectivas e compreensões dos seus desejos como ser humano, e a maneira por onde seus caminhos poder perpassar para chegar ao momento de vivência plena como ser humano.

E continuando com as palavras de França Ribeiro (2001):

Quanto mais oportunidades os seres humanos têm de explorar e compreender sua própria sexualidade, maiores responsabilidades podem resultar dessas oportunidades. Visto que maiores serão as chances de elaborarem as vivências relativas à sua sexualidade, bem como existirão mais oportunidades para poderem receber feedbacks sobre a adequação de suas condutas na área. (p. 19).

Os adolescentes em situação de deficiência vivem em um contraponto entre a assexualidade e a hipersexualidade, sendo que não se enquadram nem em um aspecto nem no outro.

“O primeiro mito é a ideia de que as pessoas com deficiência não tem sexualidade, isto é, são assexuadas, angelicais. Daí vem uma ideia de deficiência relacionada à infância e, portanto, à pureza” (Maia, 2005, p. 180).

Também cabe lembrar que muitas informações inadequadas são repetidamente difundidas casualmente, e uma delas é de que as pessoas com deficiência não possuem sexualidade; ou mesmo que são hipersexualizadas, ou seja, são dois extremos; mas em ambos os casos, isso não ocorre, a observação de comportamentos dessa natureza se deve ao fato da falta de instruções, pois ao longo da vida são cristalizadas concepções guiadas por (falsa?) moral e devido a essa prévia visão, não se dá o mesmo tratamento a crianças e adolescentes com algum tipo de deficiência.

Segundo Maia & Ribeiro (2009):

É que faltam estratégias educacionais que ensinem o portador de deficiência a discriminar os comportamentos socialmente aceitos. Muitos comportamentos e expressões da sexualidade, comuns em crianças e jovens, como a masturbação, os jogos sexuais, o “ficar” com, namorar, perguntar e comentar sobre sexualidade, etc, são interpretadas por educadores e pais como aberrações quando aparecem em pessoas com deficiência intelectual porque muitas vezes, essas expressões são publicas, inadequadas e até mesmo incompatíveis com o corpo físico adulto. (p.26).

Maia (2006) comenta que a negação da sexualidade de uma pessoa com deficiência tem como fundamento a noção de que estas são assexuados. Não se questiona a sexualidade da vida de alguém com deficiência, pois para grande parte da sociedade, ela simplesmente não existe. Enquanto a existência da sexualidade de pessoas que não estão em situação de deficiência, não é discutida.

Essas pessoas são vistas através do prisma assexuado pelos demais, reforçando a infantilização, criando ainda mais barreiras para seu amadurecimento físico e psíquico. Enfatizar nesse ponto, de que pessoas com deficiências não têm sexualidade, é neutralizá-las como seres humanos, pois nega-se o direito de se expressarem afetivamente, nega-se a oportunidade de criarem relacionamentos e laços amorosos e/ou sexuais, reduzindo seu direito a uma vida completa. A essas pessoas é negado, portanto, o direito à paternidade e à maternidade também. Tantos direitos cerceados em nome de um preconceito que não as aceita como seres sexuados (Maia & Ribeiro, 2009).

Assim, acabam por julgar a sexualidade da pessoa com deficiência como sendo exacerbada, quando se veem diante de comportamentos como a masturbação pública, os toques, assédios inapropriados, entre outros (Maia, 2005).

Porém, “Estes comportamentos não são associados ao quadro da deficiência intelectual, mas sim ao fato destas pessoas não terem recebido orientação e educação sexual que os ensinem a se comportar adequadamente diante do seu erotismo” (Maia & Ribeiro, 2009, p. 25).

É preciso valorizar os aspectos positivos da prática sexual destas pessoas, em detrimento dos preconceitos relativos ao exercício de sua sexualidade, contribuindo para enriquecer sua existência.

Os portadores de deficiência mental, mais até do que os adolescentes não-deficientes, necessitam de orientação neste sentido, para poderem adquirir complexas habilidades sociais, para um melhor relacionamento interpessoal. As dificuldades introduzidas pelo rebaixamento intelectual são acrescidas, sobremaneira, pelo fato de a maioria experimentar um estilo de vida segregado, onde carecem de oportunidades para se

envolverem com outros grupos na comunidade, de modo que possam ter chances para o aprendizado de comportamentos na área da sexualidade humana (F. Ribeiro, 2001 p.12)

Denari (1997), em uma de suas pesquisas com adolescentes em situação de deficiência intelectual, constatou que os adolescentes demonstravam interesse em relação aos temas de sexualidade e que muitos apresentavam expectativas de namoro, casamento e filhos. Constatou, também, o pouco conhecimento sobre comportamentos sexuais, concepção, contracepção e DST entre os adolescentes, e a presença de atitudes preconceituosas.

Não se pode esquecer que o desejo de amar e ser amado, o desejo sexual, também está presente nestas pessoas, e em fases como puberdade e adolescência, haverá uma maior necessidade de expressar das maneiras mais diversas, segundo Maia & Ribeiro (2009) “se nada lhes for ensinado estas expressões serão consideradas ‘inadequadas’ pelo meio social e isso aumenta a discriminação e julgamento de que a sexualidade deles é “diferente” (p. 14).

Ainda se tratando de pessoas com deficiência a literatura aponta que muitas pessoas “esquecem-se de que a sexualidade não se restringe à atividade genital, podendo ser considerada como a mais íntima forma de manifestação de vida; é o desejo de amar e ser amado” (Ribeiro, 2001, p. 14).

Como já afirmado anteriormente, geralmente a autonomia é restringida em pessoas em situação de deficiência, então não é permitido a estes terem parceiros para um envolvimento amoroso, a troca de carinhos, o namoro. Como se este nunca fosse desejar ter uma relação com outra pessoa que não seja de amizade, pois acredita que este indivíduo sinta apenas o amor fraternal destinado a amigos e familiares.

Mas sabe-se que:

Nós temos desejo e vontade de fazer muitas coisas, abraçar os outros, beijar pessoas bonitas, esfregar nosso corpo em alguém ou algo que nos dê prazer, agarrar um galã de novela na rua, obrigar a todos a serem nossos amigos, etc. mas, como vamos crescendo no meio de modelos e existe a educação do adultos sobre como nos comportar, tendemos a adequar nosso desejo respeitando algumas regras sociais, inclusive aquelas que envolvem a conquista amorosa e sexual. (Maia & Ribeiro, 2009, p. 26).

Como as pessoas em situação de deficiência são tratadas de maneira para que não tenham esses sentimentos e desejos, quando ocorre, não sabem como expressar, gerando então a confusão, devido a falta de conhecimentos e possibilidades para expressar isso de maneira condizente com o esperado pela sociedade, respeitando as regras de conduta.

Aos deficientes deveria caber os mesmos ensinamentos. Contudo, eles são vistos como pessoas incapazes de manter um vínculo afetivo, sendo apenas capazes de amor fraternal, ao prisma dos demais. (Denari, 2002)

Uma vez que “negar a expressão sexual destas pessoas, não orientá-las, manter estas pessoas isoladas e em constante supervisão, dificulta a possibilidade delas exercerem sua sexualidade em interação social com todas as pessoas” (Maia & Ribeiro, 2009, p. 27).

Um dos fatores limitantes para um desenvolvimento mais pleno da sexualidade do indivíduo é que “frequentemente aspectos relacionados ao desabrochar da sexualidade dos adolescentes com deficiência mental trazem preocupações aos pais e à sociedade, de um modo geral, traduzida por atitudes repressoras e discriminatórias” (Bastos & Deslandes, 2005, p. 393).

Como os deficientes são vistos como pessoas mais vulneráveis, ou até mesmo inocentes, os pais acreditam que as pessoas possam se aproveitar. Então, a atitude é sempre negar-lhes o direito de envolvimento, já que como já dito anteriormente, muitas pessoas não acreditam que estes indivíduos possam ter um relacionamento estável, ser independentes e viver a sua vida como qualquer outra pessoa. Então afirmam que namorar é errado, proíbem as relações, limitam os lugares para onde podem sair, entre outras atitudes.

Maia & Ribeiro (2009, p. 13) apontam que:

A sexualidade dessas pessoas especiais não é atípica, diferente ou “deficiente”, “nós que não sabemos ainda como educar adequadamente as pessoas com deficiência para que elas possam expressar a sua sexualidade socialmente, de modo adequado e sem preconceitos.” (Maia & Ribeiro, 2009, p. 13).

Somente as informações não são suficientes, para que pais e professores atuem de maneira mais adequada, mas também é importante que haja o contato com essas atitudes, para que se compreenda a repercussão que leva ao comportamento inadequado (Ribeiro, 2001).

Segundo Bastos & Deslandes (2005):

Suas expectativas recebem influência destas experiências, só que a oportunidade de desempenhá-la não é considerada pela sociedade, pois muitos pais têm a preocupação de que seus filhos não sejam capazes de controlar seu comportamento, e que então possam ser explorados sexualmente. (p. 395).

A sexualidade de pessoas com deficiência já existe e não orientá-los é danoso, por estimular nesta população suas fantasias, a reprodução de comportamentos considerados inadequados, alimenta angústias e sofrimento, aumentando os níveis de vulnerabilidade e,

ainda, contribuindo para rotular essas pessoas como “eternas crianças incapazes para o amor” (Maia & Aranha, 2007, p. 53).

3 MÉTODO

Esta pesquisa tem cunho qualitativo. Conforme Chizzotti (2003) o termo qualitativo implica “uma partilha densa com pessoas, fatos e locais que constituem objetos de pesquisa, para extrair desse convívio os significados visíveis e latentes que somente são perceptíveis a uma atenção sensível e, após este tirocínio, o autor interpreta e traduz em um texto (. . .)”. (p. 221).

Compreende-se, assim, este tipo de pesquisa como uma possibilidade de leitura do mundo e do homem, que desloca o eixo da análise da neutralidade e objetividade, para reconhecer que a experiência humana não pode ser analisada e confinada por métodos quantitativos e tradicionais (Larrosa, 2009).

Para tanto, utilizou-se um formato menos convencional, que proporciona um envolvimento mais próximo entre pesquisador e participantes, especialmente quando a temática é delicada e demanda estratégias para evitar preconceitos, tal como a aqui tratada: deficiência e sexualidade. Trata-se de oficinas temáticas. A intenção destas foi oportunizar um ambiente para se conhecer e problematizar os discursos acerca de sexualidade, permitindo aos adolescentes condições para a sua produção cultural e identitária, uma vez que, como coloca Chiesa (1994), as oficinas são um espaço de reflexão, intervenção e empoderamento dos participantes.

Como técnica de investigação destas atividades utilizou-se a observação participante, que consiste na inserção do pesquisador no interior do grupo observado, tornando-se parte dele, interagindo com os sujeitos e buscando partilhar o seu cotidiano (Queiroz et al, 2007).

Segundo Richardson (1999), a observação participante possibilita ao pesquisador fazer uma análise da realidade social, tentando assimilar conflitos e tensões existentes. Ela possibilita a coleta de dados por meio do contato direto do pesquisador com o fenômeno observado a partir de

informações sobre a realidade dos atores sociais em seus próprios contextos, oportunizando condições privilegiadas para que se tenha uma compreensão, que de outro modo não seria alcançável (Minayo, 1999).

A observação participante foi registrada nesta investigação através de anotações realizadas em um diário de campo. Também utilizou-se recursos tecnológicos auxiliares da observação, tal como a filmadora, que possibilitou a captação de dados audiovisuais, contribuindo para dar suporte e apoio complementar à memória e ao diário de campo do pesquisador, capturando o que possa ter escapado ao olhar da pesquisadora no decorrer das oficinas.

Conforme descrito em Graue & Walsh (2003), o trabalho no campo de pesquisa constitui-se de três etapas: 1) Notas de campo, que são as anotações primárias (dados brutos) da pesquisa, apontamentos, marcadores e esquemas acerca do vivenciado, bem como os registros de movimentos, as diferentes falas, os interesses, os equipamentos utilizados, o que e como estes diversos sujeitos pesquisados produziram; 2) Organização dos dados brutos na forma de mapas acessíveis para posteriores consultas. Traz como elementos facilitadores, respostas a perguntas básicas: quem, o que, onde, quando, porquê, como, para que, para quem. 3) Interpretação, entendida como a ação de “transcrever” as informações para a produção de trabalhos (dissertação, artigos, livros), implica uma tradução dos eventos para contemplar objetivos e expectativas do trabalho.

Assim, em 2014, por um período de quatro meses, foram desenvolvidas sete oficinas pedagógicas, que se realizaram no contra turno das aulas regulares, e tinham a duração média de uma hora e meia, quinzenalmente. Estas versavam sobre Educação Sexual com um grupo de adolescentes com deficiência intelectual. Nestas oficinas foram realizadas diversas atividades abordando assuntos tal como diferenciação de sexo e sexualidade, estereótipos e preconceitos, os órgãos reprodutores, menstruação, tensão pré-menstrual, gravidez, métodos contraceptivos e

doenças sexualmente transmissíveis. A intenção destas foi oportunizar um ambiente para se conhecer e problematizar os discursos acerca de sexualidade permitindo aos adolescentes condições para a sua produção cultural e identitária, uma vez que, como coloca Chiesa (1994), as oficinas são um espaço de reflexão, intervenção e empoderamento dos participantes.

3.1 Sujeitos da Pesquisa e a escola

As oficinas foram realizadas com doze jovens e adultos de idade entre 14 e 26 anos, de ambos os sexos, matriculados em uma escola de educação especial - uma APAE - localizada em um município do norte do estado do Paraná. Todos os integrantes apresentavam deficiência intelectual segundo declarado em seus prontuários.

Houve uma divisão em dois grupos, pois julgou-se necessário devido a diferença de idade e o grau de comprometimento intelectual. A seleção dos alunos foi realizada pela pedagoga da instituição. Segundo esta os critérios de seleção pautaram-se no grau de deficiência intelectual dos alunos. Tal divisão pontuou-se no argumento de que nem todos os alunos conseguiriam participar e compreender os conteúdos devido a alguns apresentarem deficiências mais severas, afirmando que esses alunos escolhidos eram os que realmente precisavam participar do projeto.

Com a lista dos participantes disponibilizada, o primeiro procedimento foi enviar aos responsáveis pelos alunos um “Termo de consentimento livre e esclarecido” (Anexo A) explicando o intuito do projeto e pedindo a autorização para que seus filhos pudessem participar das oficinas.

Posteriormente foi realizado um breve questionário com os participantes, a fim de conhecer um pouco mais sobre suas vidas, e principalmente averiguar o conhecimento que já possuíam sobre os temas escolhidos para serem trabalhados. Ao fim dos encontros também foi realizada nova entrevista, para verificar se houve aprendizagem do conteúdo abordado durante as oficinas.

É relevante mencionar que durante o processo houve algumas alterações, tanto dentro do grupo, quanto do cronograma de pesquisa, devido a uma necessidade da escola; portanto, não

puderam ser realizadas as dez oficinas que haviam sido programadas, tendo que concentrar alguns assuntos finais.

A diretoria da escola era responsável por ceder o espaço e avisar os alunos sobre o cronograma dos encontros; e algumas vezes, por conta de eventualidades, nem sempre foi possível manter tal disponibilidade para os encontros. Assim, eram utilizados espaços diferentes a cada oficina o que pode ter influenciado os resultados. Os seguintes fatores mais frequentes: pessoas transitando pelo local onde funcionava a oficina e acarretando distração e timidez, nos participantes que apresentavam mais dificuldades para expor suas opiniões. Em outras ocasiões tinham de ser realizadas em salas para atendimento psicológico, que eram salas pequenas, nas quais os alunos ficavam sentados no chão.

Os profissionais da escola foram receptivos ao projeto, porém em alguns momentos faltou compreensão da necessidade de um espaço, da criação de um ambiente para melhor execução, ainda que isso tenha sido exposto na proposta do projeto levada a escola antes do início do mesmo.

A frequência dos alunos também variou bastante durante os encontros, portanto considerou-se, para a pesquisa, os alunos que tiveram uma maior frequência e que estiveram nos dias de primeira, e última entrevista.

Segue-se um quadro com a breve descrição dos alunos aqui nomeados por nomes fictícios de forma a garantir sua privacidade.

Quadro 3 – Descrição dos alunos participantes

	GRUPO A
Antônio	Pertencente ao grupo A, Antônio, 14 anos, só tinha por atividades ir para a escola e ajudar a mãe, gosta de ficar na rua brincando com os colegas, mora em uma casa com os pais, uma irmã e um irmão. Afirma ser briguento com a irmã, por ela ficar “mexendo” e colocando apelido nos outros, e diz o mesmo quanto aos amigos, afirmando que não gosta que eles fiquem “mexendo” com os outros na rua. Quando questionado se percebeu alguma alteração em seu corpo, só afirma, que um monte, e cita apenas o aparecimento de pelos na axila. Ele não respondia muito durante o questionário, passava mais tempo em silencio. Pergunto sobre o corpo humano e ele diz que tem muita coisa no corpo humano como coração e rim, e então questiono sobre órgãos genitais e ele faz um sinal assertivo afirmando que sabe o que é, mas peço para ele falar o nome e ele não diz. Quando perguntado se ele sabia do que o projeto falaria, ele responde “sexo né”, e depois afirma que sexo e sexualidade é a mesma coisa. Ao ser questionado sobre o que usar para não engravidar, ele responde que a camisinha, e quando perguntado se sabe como o bebê é gerado, faz sinal afirmativo com a cabeça. Quanto a

	DST's o aluno afirma conhecer a Aids, e que para não se contaminar com mesmas doenças, deve-se usar camisinha. Afirmar não ter preconceitos.
Guilherme	Tem 16 anos, além de estudar, também trabalha na escola, ajudando na limpeza dos jardins e coisas afins, Afirmar gostar de rezar e ler. Afirmar ver televisão, e não brincar mais, pois precisa se concentrar nas palavras. Possui um livrinho e uma bíblia para auxiliá-lo no aprendizado. Mora com a mãe, os avós e dois primos. Se julga uma pessoa inteligente, contando que ele é vereador mirim da escola, representando a mesma na câmara municipal. Guilherme é bastante comunicativo, gosta de conversar, falar de sua vida, parece ter um ótimo convívio dentro da escola. Quanto aos conhecimentos biológicos, afirma que seu corpo mudou muito, e quando questionado sobre o que mudou fica envergonhado e diz “as partes” de cabeça baixa. Ainda insisto na pergunta mas ele não diz mais nada. Disse que só teve aula sobre o corpo humano com uns dez anos, que sabia dos órgãos como coração, fígado, rim, mas afirmou não saber o que eram órgãos genitais. Quando questionado sobre o teor do projeto, ele diz que acha que será dito para a mulher não engravidar, pois vai criar problema, e afirma que sexo e sexualidade é a

	mesma coisa. Também afirma saber como se engravidar, e que se deve usar camisinha para não engravidar. Quanto a DST's ele afirma ter visto na televisão mas não lembra nenhuma no momento, que para prevenir deve-se ir ao médico. Também afirma não ter preconceitos, dizendo não ligar para o jeito que a pessoa é.
Paulo	Tem 14 anos, além de estudar, gosta de jogar futebol, assistir televisão e jogar vídeo game, mora com os pais, avó e um irmão. Descreve-se como sendo um pouco chato, quieto, não gosta de sair muito. Quanto às mudanças que percebeu em seu corpo, fala do crescimento da barba, do próprio crescimento em altura, e completa dizendo que muita coisa. Paulo é muito quieto, e se manteve assim no decorrer dos encontros, parecia bem centrado, prestar atenção, mas não era de falar muito. Quanto a conhecer o corpo humano, só balançou a cabeça afirmativamente para dizer que sabia alguma coisa do assunto, mas não citou nada, e afirmou saber o que são órgãos genitais, mas quando o questionei quanto aos nomes, só ficou de cabeça baixa e não disse mais nada. Pareceu envergonhado quando perguntei do que ele achava que se trataria os encontros, e respondeu

	só que não sabia ainda. Afirmou que sexo e sexualidade não era a mesma coisa, mas não falou mais nada além. Quanto a contracepção, ele afirma que a mãe disse a ele que tem de usar camisinha. Mas disse que não sabe como engravida, nem como um bebê é gerado e se desenvolve. Perguntado sobre DST's citou só a Aids, e afirmou não ter nenhum tipo de preconceito.
Beto	Tem dezesseis anos e trabalha, além de estudar. Mora com os pais e mais três irmãos, destes, dois também estudam na APAE, e sua irmã participa desse mesmo projeto. Gosta de andar de bicicleta, se acha uma pessoa legal, parece um pouco tímido, fica sempre olhando para os lados, e abaixando a cabeça, sorrindo envergonhado. Quando questionado sobre as mudanças do seu corpo, começa a rir, insisto na pergunta, se nada mudou, ele afirma que sim, mas só abaixa a cabeça rindo, e diz que muita coisa, mas não fala nenhum exemplo. Afirmo não ter conhecimentos quanto ao corpo humano, mas perguntado sobre os órgão genitais responde “ah, o pênis e o da mulher”, e então pergunto o nome, e ele “<i>vargina</i>”, mas fica muito envergonhado respondendo. Diz saber o que é sexualidade, e que acha que nos encontros falaremos que tem de usar camisinha

	quando for fazer sexo, e que sexo e sexualidade é a mesma coisa. Diz rindo que não sabe como engravida, e que pra não engravidar tem que operar. Também afirma não saber o que é DST. E afirma não ter preconceitos.
Fábio	Tem dezessete anos, é um dos meninos mais quietos a participar, quase nunca fala, nem se perguntado diretamente Na maioria das vezes abaixa a cabeça e sorri, porém com os amigos parece ser bem mais comunicativo. Diz apenas que vai pra escola, e gosta de ficar em casa, brinca e vê televisão. Mora com a responsável por ele, que ele a chama de tia, de acordo com informações da própria escola, é uma mulher que adotou ele e os irmãos para cuidar, se juntando aos filhos dela são em cinco. Se acha uma pessoa legal, afirma estar com vergonha, permanece quase todo tempo de cabeça baixa. Balança a cabeça num movimento afirmativo quando perguntado se já teve aulas sobre o corpo humano, e negativamente quando pergunto se ele lembra de algo aprendido, o mesmo se repete quando pergunto se sabe o que são órgãos reprodutores. Para as outras perguntas, ele apenas permanece em silêncio. Em alguns momento como quando perguntei o que fazia para não engravidar, ele sorria, mas sem nenhuma resposta. Então pergunto se

	ele não sabe nenhuma daquelas respostas e ele balança a cabeça negativamente, e quando o questiono se ele tem preconceitos, ele também balança a cabeça negativamente.
Jana	Tem quinze anos, além de estudar, também trabalha na escola no outro período e ajuda a mãe com os afazeres de casa. Mora com a mãe, avó e um tio. Diz ser chata e legal, e as vezes um pouco briguenta. Pergunto o que mudou, da infância pra cá, e ela diz que uma coisa engraçada, é que agora ela apanha mais, porque não quer fazer o serviço de casa, então apanha e fica de castigo sem poder usar o computador. Diz que passa muito tempo na internet. Quanto às mudanças em seu corpo, ela cita apenas a menstruação. Acha que nunca teve aula sobre o corpo humano, e diz não saber quais são os órgãos genitais. Pergunto se sexo e sexualidade é a mesma coisa, ela permanece em silencio, fazendo cara de dúvida, gesticulando, mas acaba por não dizer nada. E quando pergunto se ela sabe do que falaremos nos encontros ela diz <i>“Não, por causa que vai falar.. que já pode fazer sexo assim? Eu acho que é”</i>. Então volto a perguntar se há diferença para ela entre sexo e sexualidade e ela afirma que não. Quanto a

	contracepção, diz que só conhece a camisinha. Afirma não saber como se engravida, nem como o bebe é gerado. Quanto a DST's diz que a mãe só fala sobre a Aids. Diz não saber o que são estereótipos e não ter preconceito. Jana conta bastante de seus paqueras, afirma já ter tido alguns namorados ali dentro da escola mesmo, não tem problemas em falar sobre isso.
Carla	Tem quinze anos, além de estudar, gosta de ficar no computador, celular e assistindo televisão. Mora com a mãe, o padrasto e mais três irmãos. Diz que não gosta muito de morar em muita gente, porque tudo vira um “brigueiro” uma grande discussão. Se diz uma pessoa às vezes chata, às vezes legal, exigente e que não leva desaforo pra casa. Quanto as mudanças de seu corpo afirma que tem várias, como o crescimento dos seios, “ficar mocinha”, o aparecimento de pelos, e pergunto se na maneira de pensar mudou algo, então ela afirma que antes acha os meninos chatos, e que agora não acha mais. Quanto ao corpo humano, ela cita alguns órgãos, pergunto se aprendeu em aula, e ela diz que não, que viu no caderno da irmã dela. Pergunto quanto aos órgãos genitais, ela diz que não, mas sorrindo, então insisto, ela

	diz que só sabe o das mulheres, mas esqueceu o nome, então peço pra dizer algum “apelido”, e ela fala que não tem, dando risada. Pergunto o que é sexualidade, e ela diz que é falar sobre sexo. Então insisto, perguntando o que seria falar sobre sexo, e ela diz que falar que tem que se prevenir, e que esqueceu o restante. Afirmo conhecer a pílula e a camisinha, e quando pergunto se sabe como engravida, responde rápido “<i>claro que sei</i>”. Conhece apenas a Aids, e sabe que se previne usando camisinha. Afirmo não saber o que são estereótipos e não ter preconceito.
	Grupo B
Mario	Tem 26 anos, também trabalha na escola no período da tarde, mora com a avó, os pais e dois irmãos. E passa o tempo livre ouvindo música. Pergunto o que acha dele mesmo e ele diz “Bom”. Afirmo não ter percebido nenhuma mudança em seu corpo. Quando pergunto se conhece o corpo humano, ele fica em silêncio, pergunto sobre órgãos genitais ele diz que não sabe, e pergunto se teve aula de ciências, também afirmo que não. Diz não saber o que é sexualidade e nem sexo, mas pergunto se pra ele os dois são a mesma coisa e ele diz que sim. Pergunto se sabe como engravida, ele diz

	que não, mas quando o questiono o que fazer para não engravidar, ele responde que se deve tomar remédios. Afirma não saber o que são DST's e não ter nenhum tipo de preconceito.
Valdir	Afirma ter 15 anos, além de estudar, gosta de andar de bicicleta pela rua, ficar em casa vendo televisão, ir ao sítio. Não possui computador, fala que ele precisa começar a trabalhar para ter um, que estava vendo de levar um currículo em uma empresa da cidade. Mora com a mãe e dois irmãos. É bastante falador, comenta lugares que gosta de ir, quando pergunto pra falar sobre ele, ele diz ser um cara legal, e gente boa, que gosta de brincar com todas as pessoas, mas se a pessoa o tirar do sério ele já não vai muito com a cara da pessoa, e aí tem que sair de perto. Pergunto se notou alguma mudança no corpo dele, ele só diz que era gordo, e emagreceu. Não teve aulas sobre o corpo humano, não sabe o que são órgãos, o que é sexo ou sexualidade, mas acha que os dois não são a mesma coisa. Pergunto se ele sabe como engravida, e então ele diz "Engravidar a mulher assim você fala? Ah bom eu não sei, eu nunca namorei pra saber essas coisas. Na verdade eu já namorei, mas eu não sei não". Quanto a DST's

	conhece a Aids, e afirma não ter preconceitos.
Álvaro	Tem dezoito anos, mora com a mãe. Descreve detalhes de sua rotina, como tomar café, escovar os dentes, até ir a escola, após a aula afirma gostar de descansar, a noite frequenta a escola acompanhando a mãe, e diz gostar de ir e participar das aulas dela. Também gosta de sair caminhar aos sábados de manhã. Se diz muito legal e inteligente, também esperto e que aprende tudo, é quieto mas se alguém conversa com ele, ele gosta de conversar. Quando pergunto se notou alguma mudança em seu corpo da infância até agora ele responde: "cresci e emagreci, antes eu era gordo, mas emagreci, sou normal, eu gosto de sabe, de ajudar as pessoas que ficam na rua, as crianças do orfanato, as pessoas do hospital, essas coisas sabe". Quando questionado sobre o corpo humano, falou que já viu em aulas com a mãe, mas desconhece órgãos reprodutores. Pergunto sobre o que ele acha que se trata o projeto e ele diz que sobre como conversar com as pessoas. Pergunto se ele acha que sexo e sexualidade é a mesma coisa, ele diz que não. E quando pergunto o que é diferente, ele fala que é quando se tem um irmão gêmeo. Pergunto se ele sabe como engravida, ele

	fala que sabe, que é a mulher, e que para ela engravidar tem que ter o homem, pai da criança. E pra não engravidar, tem de ser solteiro. Não sabe o que são DST's, e quando perguntado se tem preconceito, responde que sim. Então pergunto do que ele não gosta, e ele diz "Eu não gosto que ninguém chama eu de moleque feio, e moleque chato, eu sou bonito sabe".
Camila	Ela apresenta bastante dificuldade na fala, então em vários momentos fica um pouco mais difícil a compreensão, e ela se envergonha um pouco quando peço para repetir, e acaba abaixando a cabeça e não falando. Tem 15 anos, gosta de música, assistir tv, e não possui computador. Mora com a mãe a prima e o pai. Diz ser chata e legal, e quando esta com sono é chata. Pergunto se percebeu alguma mudança no corpo e ela diz que seu corpo esta mais bonito. Não possui conhecimento sobre o corpo humano nem Dos órgãos genitais. Pergunto se ela sabe o que é sexo e sexualidade ela diz que sim, e quando questiono sobre o que falaremos ela permanece calada, porém retomo, perguntando se ela acha que falaremos de sexo, ela balança a cabeça afirmativamente. Diz não saber como se engravida, nem como o bebê é gerado. Também

	afirma não ter preconceitos.
--	------------------------------

Fonte: Elaborado pela autora.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na primeira oficina, que se intitulava “Se conhecer e conhecer o outro”, o objetivo era de que os alunos falassem um pouco mais de si, conhecesse os colegas e que criássemos um ambiente mais íntimo, mais próximo, para que se sentissem mais a vontade ao decorrer dos encontros.

Com a turma A, a oficina se desenvolveu bem, porém a princípio todos estavam tímidos, foram se soltando ao decorrer da conversa. As primeiras respostas eram bem contidas e curtas, mas foram se abrindo mais ao diálogo conforme a atividade foi se desenvolvendo, no fim, alguns (Jana e Antônio) falaram até de seus relacionamentos e paqueras. Buscou-se maior aproximação possível com os alunos, “entrando” no ambiente deles. Os alunos acabaram ficando mais descontraídos e falaram um pouco mais acerca de suas vidas, do que faziam e gostavam, sem a vergonha que apresentavam no início.

O grupo de alunos presentes naquele dia estudava na mesma sala, já eram bem íntimos e já haviam participado de um projeto anterior, então pareceram bem a vontade. Eles passaram boa parte do tempo, contando de seus “relacionamentos”, um ficava “entregando” o outro contando quem o outro paquerava, e assim se desenvolveu a maior parte do tempo.

Falaram sobre pessoas que achavam bonitas, pessoas famosas, e quando questionados sobre pessoas que os interessavam, uma que se destaca é a de Paulo quando diz que ela pode ser qualquer tipo de mulher, mas não pode ser parecida com Carla e Jana, e Antonio concorda. Quando questiono o porquê eles afirmam que elas ficam mexendo com os outros garotos na rua. E Antonio afirma que elas ficam “pegando” todo mundo. As meninas não fazem tanta questão de se defender, só Carla diz que a verdade dói, mas num tom mais descontraído, porém mais tarde, volta-se a se repetir esse assunto. E então voltam a falar do ciúmes que Antônio sente de Jana e o assunto termina. Em alguns momentos como quando falando que “loira é burra”, foi

possível fazer um gancho em como é errônea essa maneira de usarmos características físicas para julgar as pessoas, etc. Fica claramente exposto ali, em diversos momentos, que algumas pessoas do próprio convívio deles não são tão respeitadas, como uma das meninas que também participou poucos dias de oficinas, Marta, que afirmava gostar de um dos garotos ali, e assumir isso ao grupo, fazia com que esse garoto passasse a ser “zoadado” pelos colegas, como sendo vergonhoso, uma garota como ela, se interessar por ele.

Através dessa experiência há de se concordar com a afirmação feita por Guimarães, que diz que:

Problematizar com as crianças e os jovens, o florescer dos relacionamentos interpessoais, dos encontro sexuais, para que desarmem as armadilhas culturais e suas diferenças e desigualdades, e surjam novas subjetividades e sociabilidades para uma sexualidade saudável, prazerosa e feliz, conquistas de plenitude e excelência na vida humana. (Guimarães, 2009, p.14 e 15).

Todos afirmam ali ter já beijado, e entre eles mesmos existem vários “casos”, parecem mais soltos para falar disso, e aproveitando o momento, “puxo” o tema namoro, e a grande maioria concorda que não tem uma idade para começar a namorar, e todos afirmam não poder conversar com seus pais quanto a isso, pois principalmente as mães, teriam ou já tiveram reações negativas, bem como professores e diretores do colégio, caso isso ocorra na instituição.

Uma vez mais o discurso sobre estes comportamentos e uso de expressões comuns aos adolescentes como “ficar”, não são vistas com bons olhos quando vindas de pessoas em situação de deficiência. (Maia & Ribeiro, 2009)

Porém ainda assim, os alunos afirmaram que há um local secreto dentro da escola onde os casais se encontram, e que a maioria das pessoas que conhecem e se relacionam são de

convívio dali mesmo, exceto André, que fala que ele fica com pessoas que não são dali. Paulo afirma que já teve uma namorada virtual, mas que não deu certo, que ela era bem mais velha, então, acho necessário, falar um pouco dos perigos de conhecer pessoas através da internet, de como se deve tomar cuidado, eles acabam concordando.

Como já citado na literatura, e analisando as informações dos alunos, nota-se que a escola é o espaço ideal para se falar de sexo, pois possibilita uma maior interação social, uma vez que ali passam a maior de seu tempo, e esse convívio possibilita a ocorrência de relacionamentos afetivos e de amizade, no qual há a formação de grupos, nos quais as conversas possibilitam a troca de experiências e o diálogo sobre assuntos como sexo. (Maia e Ribeiro, 2009)

Novamente os dois meninos presentes no dia, Antônio e Paulo dizem que uma mulher para namorar deve ser “*direita, sincera e companheira*”. Paulo complementa repetindo que não deve ser como as duas meninas que estão presentes (Jana e Carla), volto a questioná-los quanto a isso, as meninas afirmam que eles também fazem isso, mas eles dizem que não, que não ficam “mexendo” com os outros na rua, e que as meninas olham pra qualquer um, e neste momento elas afirmam olhar mesmo, e dizem que os meninos dali são todos feios. Então Antônio encerra a discussão dizendo “*não tem que ligar se é feio ou bonito, que tem que sentir o que tem dentro do coração.*” .

O tempo de aula se encerra, e assim é finalizado com essa turma. O que se nota, é ainda essa visão e esse modo de agir mais infantilizado, eles demonstram muito ciúme uns dos outros e, por vezes, reafirmam que não se envolveriam uns com os outros, porém se contradizem depois, contando histórias de casos acontecidos. O que se nota é que o assunto namorar é muito latente, principalmente dentro desse grupo. Na maior parte da discussão, voltam a falar disso, de

uns dos outros ali, de ter ou não ter ciúmes, fica claro uma necessidade deles, de falar sobre isso, de ter um espaço para isso que não encontram em casa, por exemplo.

Reitera-se a importância de um espaço, tendo em vista que “A oferta, por parte da escola, de um espaço em que as crianças possam esclarecer suas dúvidas e continuar formulando novas questões, contribui para o alívio das ansiedades” (Brasil, 1997, p. 292); Ansiedades essas que se tornam evidentes no comportamento e necessidade dos alunos de comentarem suas vidas afetivas a cada possibilidade existente dentro dos encontros.

Com o grupo B, havendo só meninos, e na maioria tímidos, os assuntos foram outros, eles também já se conhecem, e a maioria pertence a mesma sala, também possuem bastante amizade com o grupo anterior, parece ser um grande círculo de convivência ali dentro da escola.

Falam um pouco sobre eles, coisas que gostam de fazer, tentando criar uma aproximação, porém com esse grupo a conversa é bem mais difícil, apenas Valdir fala mais, e começa a contar que ele gosta de sair à noite, mas que não namora, pois depois tem de casar. Aproveitando o assunto, pergunto sobre namoro, a princípio todos negam namorar, mas ficam com risadinhas envergonhados. Então, questiono Beto, digo que já tinha ouvido comentários, e ele conta que namora Camila (que não está presente no dia), Fábio diz então que os dois ficam abraçados na aula, mas só quando a professora não está, pois ela veja, ela fica brava. Beto fala então que Fábio namora Carla (participante do grupo A), mas ele fica bravo, dizendo “*ta louco?*”, então pergunto o motivo daquela reação, e ele diz que é porque ela é muito criança, e ele já vai fazer dezoito.

Quando questionados se há diferença entre beijar, ficar e namorar, eles dispersam um pouco dentro do assunto, mas em dado momento Beto usa a expressão “*fazer um vuco*”. Quando pergunto o que é, ele e os amigos só riem, mas ninguém explica o que é. Então Valdir começa a falar de um encontro, e é perguntado se levará a um namoro e ele diz “*a gente vai até*

encaixar, aí encaixa e tchau”. Quando perguntado sobre o que é encaixar, apenas grita “*ihhull*”, e abaixa a cabeça rindo, e então mais nenhum dos meninos comentam ou explicam, apenas riem, neste momento já dá o tempo do encerramento.

Segue a mesma observação do grupo anterior, exceto para Álvaro, que afirmou não gostar muito nem de falar nisso. Os outros meninos apresentam um desejo de vivência da sua sexualidade muito grande, que pode ser facilmente notado através das expressões que eles usam, e a maneira como têm dificuldade de falar sobre o tema com pessoas externas ao grupo de amigos.

Neste primeiro momento de trabalho pode-se inclusive identificar algumas informações importantes sobre a Educação Sexual dos alunos. Todos os integrantes afirmaram, por exemplo, ter vergonha de conversar sobre qualquer assunto relacionado a sexo com os pais e/ou professores.

Em qualquer trabalho que se vale da observação participante a primeira barreira que deve ser rompida é o distanciamento entre pesquisador-pesquisado (TURRA NETO, 2012). Como afirma Geerts (1978) para isso é necessário familiarizar-se com o universo imaginativo, que dá sentido ao ato e ao gesto dos pesquisados, o que não significa que precisamos nos tornar parte do grupo em estudo, mas que é fundamental conseguir conversar com seus membros, e não apenas como estranhos. Essa aproximação do universo dos alunos é importante para deixá-los mais a vontade, para que exponham suas verdadeiras opiniões e ajam com espontaneidade. A oficina pareceu propiciar momentos de descontração e aproximação dos envolvidos, uma vez que os alunos mostraram-se mais dispostos a participar e expor suas aflições, dúvidas e opiniões, lembrando que este é um importante passo, visto que a “sexualidade é ainda tida como tabu na maior parte das instituições sociais, este começa na família, se estende até a escola e toma forma na sociedade.” (Rossi, 2009, p.149) Deste

modo, foi essencial apresentar aos alunos as oficinas como um espaço aberto, no qual teriam mais liberdade de expressão e questionamento.

No segundo encontro, o assunto em debate, foi puberdade e adolescência, foi perguntado o que lhes vem à cabeça quando ouvem a palavra adolescência, e apenas um dos alunos se manifesta dizendo que primeiro se é criança e, depois, se torna adolescente. É pedido então que cada um cite uma mudança que ocorreu nesse processo de puberdade, e aí é citado o crescimento de barba, aumento da estatura, espinhas, e então é explicado a eles mais uma série de mudança que ocorre, e saindo do fisiológico para o psicológico, são questionados quanto ao que dá prazer, para citarem ao menos uma coisa que eles gostam de fazer e se sentem bem, apareceram respostas como mexer no computador, trocar sms, namorar, e então, iniciam uma conversa contando que uma das participantes (Marta) fica mandando sms para o irmão de um outro participante, porém, ela rebate dizendo que não, que ela possui um namorado, e só troca mensagens com ele. Guilherme também fala de sua namorada que estuda em outra escola, e seguem um tempo falando de suas vidas pessoais, seus namoros e as coisas que gostam de fazer. Falam bastante sobre Marta e contam um episódio dela mexer com um homem casado, e a mulher até perceber, ela não parece se importar com o que os outros estão falando, porém, foi lembrado a eles, que devemos agir com respeito aos outros, que as atitudes devem ser pensadas, e o cuidado que se deve ter para ser respeitado. Guilherme então, comenta que ele adora beijar, e posteriormente inventa uma história que ele já é casado e tem filho, pergunto então como aconteceu, e ele diz: *“rolou um clima e aí foi. e aí foi aquele negócio, da vagina que é da mulher, e aí fez, e aí cruzou”*. Fica muito clara, a fala de conhecimento, dos termos utilizados, o medo de falar com naturalidade do assunto, as palavras relacionadas ao ato sexual parecem não ser mencionadas por eles.

Então tentando voltar ao tema base da discussão, lhes é perguntado o que fica se passando na “cabeça” deles e então Antônio diz que na cabeça só se pensa em namorar e,

posteriormente, faz um gesto com a mão, que insinua ato sexual, e diz que ele já está namorando. Ao falarem os meninos deram a entender que há sempre essa necessidade de autoafirmação, de dizer que beija, namora, fica, as meninas ficam geralmente mais contidas nesses momentos, elas não falam nada que deem a entender o ato sexual.

O próximo assunto a surgir, vem de Guilherme, falando sobre homossexuais, e comentando um episódio que o pai se vestiu de mulher, dizendo que cada um deve se vestir como gosta. É um momento oportuno para falar dessa criação de estilos, de usar aquilo que se sente bem, e não julgar os outros por fazerem o mesmo, e a criação de uma personalidade que se consolida geralmente na fase da adolescência.

Quando são questionados, sobre já pensar em sexo, todos abaixam a cabeça, dão risadas, e ao perguntar com quem eles tiram as dúvidas sobre o assunto, todos afirmam que com os amigos, que falam sobre isso. E aí questiono quanto aos cuidados importantes no namoro, e apenas Antônio cita doenças, e diz falar sobre isso com os amigos, o restante diz que nunca falou com ninguém sobre o assunto. Começam então a falar sobre querer ou não ter filhos, e contam a história de uma garota ali da instituição que engravidou, o bebê quase faleceu, o pai também estudava ali, é importante o momento para a conscientização dos cuidados, dos limites dentro de uma relação, o cuidado com o próprio corpo, com a saúde, e também o pudor, dizendo que pra tudo há hora e local, entre outros. Uma vez que se mostram abertos a falar, pergunto sobre relações sexuais e três dos alunos afirmam que não, e outros dois apenas ficam de cabeça baixa. É importante deixar que eles deem a informação dentro do tempo deles, e utilizar esses momentos para a conscientização dos cuidados, e do respeito com o próprio corpo.

No segundo grupo, o diálogo é um pouco mais difícil, mesmo quando questionados diretamente, costumam só abaixar a cabeça, não falar muito. Apenas Álvaro diz que quando

se torna adolescente tem de fazer as coisas certas. Quando questionado sobre o que é certo, se mantém em silêncio, então é um momento para explicar, e fazer eles perceberem a série de mudanças que ocorreram fisicamente. O assunto tem de ser retomado, pois a diretora leva mais dois alunos para participar, então, resumidamente é explicado para eles o que foi dito anteriormente, entre os conceitos e surge o tema namorar. Alguns deles falam até em casar, Valdir diz que a mãe dele diz que tem que arrumar um trabalho e casar, mas ele não quer. Álvaro, não participa, fica quieto, se questionado, responde uma coisa ou outra, mas diz que nem pensa em namorar, que ele não gosta dessas coisas, quer trabalhar só.

Raul diz que ele nunca namorou, mas que ele acha que é bom, que dá prazer e felicidade. Valdir fala um pouco sobre já ter namorado, gostar de sair e que beijar com *piercing* na língua é bom, e ele vai colocar porque as meninas gostam. Dentro desse assunto, esclarecendo mais uma vez a importância dos cuidados, dos limites de um namoro e do respeito, a oficina é encerrada.

A terceira oficina tinha por objetivo a explicação das principais estruturas internas e externas e as funções dos aparelhos reprodutores, feminino e masculino. Neste encontro os alunos deveriam com uma massa de modelar confeccionar um modelo dos aparelhos reprodutores femininos e masculinos. Inicialmente, houve uma breve explicação do termo vulva e vagina, e então quando questionado sobre quais seriam os órgãos reprodutores, Antônio fala pênis, e Carla, diz vagina. As meninas (Carla e Jana) argumentaram que não poderiam fazer um molde de pênis pois nunca haviam visto um, porém depois da insistência para que participassem fizeram os modelos.

O que foi apresentado ao fim da atividade foram molde cilíndricos, representando o pênis, e alguns bolas representando os testículos também. No feminino a representação foi somente dos grandes lábios, apenas um aluno (Guilherme) fez um buraquinho, mencionando

que ali seria o local por onde sairia o “xixi”. Após essa apresentação, foi perguntado aos alunos se não haviam tido aula sobre o assunto, e todos afirmaram que não, ficaram envergonhados, contudo, muito curiosos e logo passaram a fazer uma série de perguntas durante a explicação. Assim deu-se a explicação se pautando na parte externa e interna dos aparelhos reprodutores.

Com o grupo B, o comportamento foi semelhante, não houve muitas perguntas, apenas por um dos alunos, Raul, que é mais ativo, mais falante. A princípio fica com vergonha de citar os nomes que lembra de estruturas, mas quando fica mais à vontade, pede desculpa pelos termos, e diz que só sabe chamar por “saco, ovo e buceta” que ele não sabe os nomes certos.

Em vista disso, fica evidente que ainda é muito marcado o fato de que para os meninos não há problema nenhum em ter conhecimento sobre quaisquer assuntos ligados à sexualidade, ou seja, para os meninos não havia problema algum fazer um molde de vagina, e defendiam inclusive que já haviam visto uma (em livros didáticos, internet ou filmes). Já para as meninas era importante preservar a imagem inocente, de que não conheciam nada daquilo, mas notou-se que após a insistência mostraram que sabiam sim como era a estrutura, e ao decorrer das oficinas, uma das garotas (Carla) até acabou afirmando que já assistiu a filmes pornôs escondida e por isso já tinha visto um pênis. Reafirma-se ainda como é um tabu qualquer tema que se relacione à sexualidade, uma vez que até mesmo conhecimentos biológicos como os que envolvem os aparelhos reprodutores não são ensinados aos alunos, devido a dificuldade dos professores de trabalhar com os temas, acabando por deixar de lado ou explicar de maneira muito superficial, privando os mesmos, do importante conhecimento do próprio corpo e também do sexo oposto.

A quarta oficina se intitulava “Sexo e sexualidade”, nesta esclareceu-se a diferença que há entre os dois termos, tentando romper com as barreiras de discursos instituídos em nossa sociedade. Expôs-se abertamente sobre o que é o sexo e outras questões envolvidas dentro da temática sexualidade. A cada vez que eram mencionadas palavras como pênis, vagina, sexo, seios, ouvia-se risadinhas e um olhar envergonhado por parte dos alunos, em especial das meninas. Possivelmente este comportamento esteja relacionado ao fato de criar-se uma ideia para os alunos de que estes termos não devem ser pronunciados, de que é errado dizer estas palavras em sala de aula. Assim, ao chegar com um trabalho no qual eles têm liberdade para usarem estes e outros termos que acharem necessários, o início da atividade é sempre marcada por constrangimento, que foi se dissipando no decorrer da oficina.

Como já vimos anteriormente, o sexo em discurso, tende a aumentar o controle exercido nos alunos, quando feito através de mecanismos positivos, tendem a produzir sujeitos autodisciplinados no que se refere a maneira de viver sua sexualidade. (Altmann, 2001)

Outro acontecimento interessante desta oficina foi que, durante a apresentação do conteúdo relacionado a sexo e sexualidade por parte da pesquisadora, ao verem imagem de pílulas, sem identificação, prontamente as meninas da turma já se manifestaram e responderam que era remédio para não ficar grávida, dando indício de já possuírem conhecimento sobre o anticoncepcional, mas apenas no sentido que as mulheres tomam para não engravidar. Contudo, ao serem questionadas a respeito não sabiam dizer acerca do assunto, segundo elas nunca haviam utilizado.

Em outro momento, ao expor aos alunos uma imagem que indicava um casal em um jantar, os alunos (Antônio, Guilherme e Fábio) começaram a fazer afirmações de que os homens só levavam a mulher para jantar para depois levá-las ao motel, retratando uma visão

de mulher como objeto. Em mesmo sentido outro comentário é feito (Antônio), afirmando que carro é um atrativo, e que se tem um carro bom o homem consegue atrair mais mulheres para fazer sexo com ele. Estas representações quando questionadas pela pesquisadora foram relacionadas com a mídia. Os alunos argumentaram que tinham visto isso em novelas ou em comerciais de TV.

Com o grupo B, eles apenas afirmaram que nunca ninguém havia conversado com eles sobre namoro. As imagens quando apresentadas era explicadas por eles, tal como eram no caso de um casal se beijando Álvaro, ao ser solicitado para dizer o que via na imagem, apenas disse “uma moça loirinha, beijando um rapaz branquinho”. Assim ocorreu, também como no grupo anterior, não há uma noção de tudo que está compreendido dentro da sexualidade. Em vários momentos começam a falar um pouco de suas próprias vidas, principalmente, Valdir que conta sobre uma namorada. Sobre sair com outras meninas, ele ora diz que tem uma namorada, aí se perde falando em outra coisa, depois quando questionado, aí repete, eles parecem dispersos dentro do assunto.

Segundo Marcondes Filho (1989), “a indústria da erotização feminina procura exaurir da mulher a feminilidade e a capacidade de troca, seu caráter humano, deixando-lhe apenas o signo do objeto” (p. 33). Ainda, segundo o autor, a mulher torna-se produto, reduzida a signos ligados a ideia de prazer sexual. Também é importante destacar que a mídia tem ação direta na vida destes jovens. Os relatos indicaram que eles passam grande parte do dia em contato com estas instâncias. A mídia está implícita ou explicitamente transmitindo valores morais, seja na construção do caráter, seja no repasse de símbolos relacionados à violência, sexo, entre outros. A mídia tem fornecido modelos para os sujeitos do que é ser homem, mulher, pobre, rico entre outros, ajudando a modelar a visão prevalecente no mundo (Kellner, 2001).

Neste encontro observou-se também que ao perguntar para os alunos sobre os “apelidos” que eles conhecem para pênis e a vagina as meninas se recusavam a falar. Quando perguntadas do por que diziam “porque não sei nada disso não”, porém, quando os meninos falavam elas acabavam comentando o nome de um ou outra variação de apelido. Percebe-se, neste sentido, que as alunas têm a ideia de que qualquer conhecimento sobre o pênis indicaria alguma experiência relacionada a sexo, ou um interesse maior por sexo, o que seria ruim para a imagem delas, como se tiraria a inocência, isso poderia estar relacionado também as representações trazidas pela mídia, somada ao fato de que, segundo relato das mesmas, sempre que perguntavam algo relacionado a sexo para a professora, ela questionava onde haviam visto aquilo para fazer tal pergunta.

Maia (2004) já afirmava que mesmo existindo uma série de dificuldades de implantação dos PCN, a existência do tema Orientação Sexual nos mesmos já é um importante reconhecimento sobre a valia de tratar o tema dentro do ambiente escolar, sendo necessário e recomendável. No entanto o que se vê é que o tema não deixa de ser um tabu e qualquer comentário ou citação da palavra sexo é vista com repressão. Altmann (2001), afirma que tratar o sexo em discurso dentro do ambiente escolar, geraria um aumento de controle exercido sobre os alunos, através de métodos positivos, que fomentam a autodisciplina dos sujeitos e não a repressão através de punições e proibições.

Além disto, nota-se uma série de julgamentos sociais, já entre os adolescentes, que classificam principalmente a mulher, como sendo, ora a santa que não deve saber de nada, preservar sua inocência, para ser bem vista pelos homens e sociedade em geral, ora, a interesseira, as vezes até vulgar, que se preocupa com dinheiro e aparência, já o homem, ele tem a autonomia para decidir a pessoa com quem quer sair, e usa de recursos materiais para atrair a maior quantidade de mulher para perto de si. Infelizmente, isso não ocorre só entre esses adolescentes, esse é mais um dos retratos que a sociedade moderna.

Denari (2010) escreve que a garantia de ser e estar depende de requisitos essenciais como “Avaliar atitudes e riscos associados a determinados comportamentos sexuais; reconhecer a pluralidade de papéis e de atributos que cada um dos sexos pode desempenhar; aprender a (des)construir o apelativo discurso das mídias” (p.3), entre outros. Maia e Ribeiro (2009), atestam que a abordagem do eixo relações d e gênero contribui para a ressignificação na relação homem x mulher, colaborando para que diminua a discriminação herdada das representações sociais e culturais edificadas acerca dos papéis sexuais do homem e da mulher. Deste modo, argumenta-se que a oficina contribuiu neste sentido.

Na quinta oficina, o objetivo era explicar a função dos principais métodos e a importância do seu uso para a prevenção de doenças e, também, para que se evitasse a gravidez precoce, caso que havia ocorrido a pouco tempo dentro da mesma instituição.

A grande maioria dos alunos só conheciam o preservativo masculino, que afirmavam já ter visto na televisão (em propagandas do carnaval), alguns também citaram o “remédio” para não engravidar. E apenas uma aluna (Caroline) citou conhecer a pílula do dia seguinte. Os métodos foram explicados e o maior interesse se dava quando se falava sobre o preservativo masculino. Os alunos puderam manusear um preservativo, a, princípio, as meninas disseram que não iam “pegar” por ter nojo, porém depois acabaram manuseando também. Quanto à pílula para não engravidar, conforme seus discursos, conheciam devido ao fato de saberem de pessoas que tomavam, e quando as alunas presentes foram questionadas se tomavam, afirmaram que não, pois só faz o uso desse medicamento quem já faz sexo e não quer engravidar.

Quando se trata dos métodos contraceptivos, Soares *et al.* (2008) afirmam que em um trabalho semelhante a este, também com oficinas, constatou-se que os alunos tinham indecisão, insegurança e resistência ao fazerem uso dos mesmos, e não havia muito

conhecimento sobre a temática, quando dúvidas e questionamentos. O discurso de algumas alunas de que não conheciam o órgão sexual, ou não conhecem algum método contraceptivo, reafirma a ideia de que a mulher precisa manter o papel de inocente, de não saber nada relacionado a sexo. A camisinha, nesta oficina, é o método mais conhecido, foi manuseada pelos meninos muito bem, alguns até pediram para que lhes fosse dado preservativos para levar para casa, já as meninas afirmavam que suas mães jamais poderiam achar um preservativo nas coisas delas. Para os meninos ter uma camisinha e/ou quaisquer conhecimento sobre seu uso denota experiência na vida sexual é algo desejável. Neste sentido, os meninos insinuavam já terem feito sexo, enquanto as meninas negavam.

Schussel (2004 *apud* Soares *et al.* 2008) reitera que “a castidade e a virgindade para a mulher são mais aceitas do que no homem”. Dessa forma, espera-se do homem a perda da sua virgindade na adolescência, o que prova sua virilidade. Da mulher, a sociedade espera que ela retarde as relações sexuais. Sua virgindade é considerada uma virtude, um atributo de idoneidade. A discussão destas representações, portanto, pareceu ser relevantes para esta oficina.

No sexto encontro, poucos compareceram, quatro de um grupo, e dois do outro grupo, ainda assim foi possível uma discussão, sobre a curiosidade de como o bebê era gerado e se desenvolvia dentro do útero da mãe. Sobre a importância dos cuidados nesse período, pareceram bastante interessados. Mas não fizeram muitas perguntas, apenas observavam o vídeo e as explicações durante as pausas. No primeiro grupo ao fim da apresentação e explicação, voltaram a falar sobre os relacionamentos deles, quem estava namorando com quem, sempre num mesmo tom, como se um estivesse “entregando o outro”. Nesses momentos, apenas ouvia as histórias, sabendo da importância de estarem a vontade para contar os pontos que julgavam importantes no momento.

Após o sexto encontro, a direção da escola sugeriu o encerramento dos encontros, devido a atividades que aconteceriam na escola, antecedendo o período de férias que impediria a realização dos mesmos. Portanto no último encontro houve uma condensação de temas, no qual através de uma dinâmica, seria falado sobre DST, e principalmente a Aids, que eles já haviam mencionado conhecer nas entrevistas, e o preconceito, neste dia também, a direção me solicitou que fosse realizado no refeitório o encontro e com as duas turmas simultaneamente.

Este encontro se baseou em duas dinâmicas, em uma primeira, se tratava de uma conscientização, quanto a transmissão de doenças sexualmente transmissíveis, mas principalmente a Aids, e em uma outra, a exclusão e o *bullying*.

Uma vez que os próprios PCN reiteram que “a escola constitui-se em local privilegiado para a abordagem da prevenção das doenças sexualmente transmissíveis/Aids, não podendo se omitir diante da relevância dessas questões.” (Brasil, 1997, p.291)

Com o decorrer da discussão foi possível mostrar como as pessoas são julgadas pelos seus trejeitos e maneiras de se vestir, e, como isso muitas vezes está tão impregnado na sociedade que se faz sem perceber. Ao fim, esperava-se que os alunos notassem a importância de não existir um pré-julgamento, de conhecer as pessoas e não gerar mais preconceitos com visões estereotipadas. Além de diversos esclarecimentos sobre o que era de fato a Aids, e a importância da prevenção também para outras DST.

Quando perguntados sobre terem preconceitos, unanimemente todos afirmaram não serem preconceituosos, porém, foram feitos vários comentários desrespeitosos do tipo “veado” ou “boiola”, e aí, alguns alunos afirmavam não ser certo um homem se vestir como mulher, ou uma mulher se vestir com roupas mais masculinizadas. Enquanto alguns poucos diziam que cada um deveria fazer o que sentia vontade, que não existia problemas nenhum

com a homossexualidade. Ao passar dos debates, mostraram-se mais flexíveis quanto a ligação estereotipada de que homens gays não necessariamente eram afeminados ou que gostassem de usar saias, ou roupas mais usuais do vestuário feminino, porém mesmo quando afirmavam não ter preconceito ainda diziam frases como “*eu não tenho preconceito, uma tia minha que é sapatona, e eu gosto muito dela*”, ou ainda termos como “ser bicha” foi muito utilizado, porém ao fim, mais uma vez voltavam a afirmar que não tinham nenhuma espécie de preconceito.

Nota-se que esses termos como “sapatona, bicha, veado, boiola” estão tão impregnado no cotidiano, que eles acreditam que falar dessa maneira não seria ofensa. A imagem dos alunos ainda é bem estereotipada, a visão de um homossexual sempre voltada para homens afeminados ou de uma homossexual como uma mulher que se veste com roupas de homem. Quando são apresentados para eles pessoas que não se atrelam a nenhum estereótipo específico, mas que são assumidamente gays e lésbicas, causam certo espanto, principalmente no caso de homens gays, provavelmente porque vivemos em uma sociedade machista, na qual o homem tem de ser um provedor, detentor de um certo tipo físico, e quando se deparam com homens que apresentam o estereótipo heteronormativo, mas são homossexuais, o espanto é muito maior do que no caso de mulheres, que mesmo sendo mulheres totalmente femininas, dentro dos padrões da sociedade, provavelmente por atenderem ao fruto da fantasia misógina. Aparentemente, o que incomoda de fato as pessoas, numa primeira impressão, não é a existência dos gays, mas sim pessoas que pareçam gays, carregando todo o estigma que a sociedade impôs aos estereótipos.

Mantendo-nos no princípio proposto por Maia e Ribeiro (2009)

Ao mesmo tempo que precisamos respeitar os valores que fazem parte das diferentes famílias e sociedades, também precisamos incentivar questionamentos e

reflexões no tocante a tabus, crenças e preconceitos prejudiciais ao desenvolvimento afetivo-sexual das pessoas e à conservação de uma vida sexual plena e prazerosa.

(Maia & Ribeiro, 2009, p. 35)

Para Vitiello (1997) um dos objetivos de se abordar a sexualidade é a preparação dos indivíduos para a vivência crítica dentro da sociedade, não se permitindo adequar-se aos padrões sociais que não lhes contentam. Uma vez que afirmam não ter preconceito, mas são levados pelas opiniões das pessoas que os cercam quanto ao assunto, não necessariamente possuem um julgamento respeitoso, porém, por conviver com pessoas que o fazem e não ter o conhecimento e discernimento para formar sua própria opinião, seguem no mesmo fluxo.

O preconceito está tão impregnado na sociedade que ele mal é notado. As pessoas são julgadas o tempo todo por terem tatuagens, usarem *piercings*, se vestiram de uma maneira que foge ao casual, como se qualquer um que fugisse a regra o fizesse para expressar uma indignação, revolta ou qualquer característica pejorativa, não respeitando a individualidade de cada um e a maneira como o mesmo se sente bem diante de um espelho. Para Denari (2010):

O propósito fundamental dos movimentos educativos críticos, e aqui se inclui a cultura da diversidade é o de desenvolver teorias e práticas que contribuam para a consolidação da emancipação social, propiciando profundas reflexões. (p.6)

Tendo em vista estas considerações, pode-se defender que as oficinas propiciaram um ambiente favorável para discussão de mudanças de atitude pelos adolescentes por meio da informação, reflexão e expressão de ideias e sentimentos. Tal como aponta Soares et al. (2008), a adolescência corresponde a um período de descobertas com o corpo, de curiosidade, de novas experiências, um tempo caracterizado pela necessidade de integração social, pela busca da independência individual, do desenvolvimento da personalidade e definição da identidade sexual. Assim, as oficinas representaram um espaço para aqueles adolescentes

complementassem e questionassem as informações que são disponibilizadas pelos discursos que circulam no âmbito familiar, escolar e midiático.

Segundo Maia e Ribeiro (2009) para a eficiência de um trabalho que envolve sexualidade dentro da educação especial, é importante respeitar o nível de desenvolvimento cognitivo e social dos alunos, ouvir as necessidades dos alunos, buscar recursos metodológicos adequados, usar uma linguagem acessível, informar de modo claro, preciso, reflexivo e isento de valores, respeitar as diferenças de valores familiares, étnicos e culturais, trabalhar em grupo para favorecer o diálogo e reflexão.

A intervenção pedagógica apresentada neste trabalho oportunizou aos adolescentes em situação de deficiência intelectual a experiência de vivenciar um processo de autodescoberta. Foi perceptível que com a linguagem sem “amarras” e com uma aproximação mais descontraída o grupo passou a confiar no projeto e a se sentir mais livre para exhibir suas opiniões e dúvidas, por consequência, desenvolver um conhecimento acerca do próprio corpo, de como cuidar de seu corpo e que preocupações devem ter a se relacionarem sexualmente.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que as oficinas são uma proposta produtiva para sensibilizar alunos com deficiência intelectual acerca de assuntos ligados à Educação Sexual, pois elas possibilitam a aprendizagem compartilhada, por meio de atividades grupais, em que se podem reconstruir individual e coletivamente comportamentos, identidades e valores.

Notou-se uma necessidade nos adolescentes de conversar sobre vários assuntos relacionados à sexualidade, de maneira leve, podendo expressar suas opiniões, satisfazer suas curiosidades, sem serem julgados pelos seus atos. Conclui-se, também, que resultados são conseguidos com explicações, e não com punições. Algumas atitudes são incentivadas a partir do momento em que são proibidas, sem um argumento cabível, sem uma explicação sobre a proibição. As punições geradas através das proibições fazem com que os adolescentes passem a omitir seus desejos e ações e, sendo assim, a maior preocupação passa a ser esconder seus atos, a fim de que ninguém descubra. E esses adolescentes acabam se esquecendo de cuidados básicos com a saúde e com o corpo por falta de conhecimento da importância da valorização e do cuidado pessoal, uma vez que todas as temáticas relacionadas à sexualidade são proibidas e, geralmente, sem explicações que levem à conscientização dos mesmos.

Cabe dizer que ficou muito clara em alguns momentos a sensibilização dos alunos, principalmente, quanto ao preconceito, respeito ao próximo e compreensão de si. Diversos assuntos foram explicitados, o diálogo foi ajustado à realidade dos alunos, sendo um facilitador da comunicação interpessoal e esclarecimento de uma série de dúvidas. Houve, também espaço de expor sentimentos, angústias e até mesmo relatar sensações, sem que fossem recriminados. A sociedade encaminha-se cada vez mais para uma compreensão mais abrangente a respeito dos assuntos intrínsecos de todo ser humano. A sexualidade, como uma parte importante da vida de todo o ser humano, não pode ser ignorada.

Sempre haverá essa repetição para a desconstrução dessa imagem sórdida do deficiente intelectual quanto à sua sexualidade, de que é exacerbada ou no seu contraponto de que é inexistente. Porém os estudos mostram incessantemente que esta é uma concepção criada, ao longo dos anos, que não é verdadeira, pois o comportamento só é diferente quando este indivíduo é condicionado a uma socialização limitada, e sem as instruções necessárias que o possibilite conhecer e reconhecer todos os processos relacionados à sexualidade que ocorrem tanto psicologicamente como fisiologicamente.

Um dos grandes passos a ser tomado na área da Educação é tratar as pessoas com mais igualdade, em especial as pessoas com deficiência para se desconstruir as ideias errôneas quanto à sexualidade desses indivíduos, e as afirmações de que não possuem capacidade de participação e aprendizagem sobre o assunto, bem como a imagem de que eles não experimentam, não têm contato ou necessidade de vivência da sexualidade, pois, como visto nos resultados desta pesquisa, os alunos demonstraram ser plenamente capazes de entender estas questões, demonstrando inclusive entusiasmo e curiosidade durante as oficinas. Logo, é essencial que não lhes tirem o direito de conhecer essa temática, pois quando seus corpos, seus instintos biológicos e psicológicos aflorarem, sem os conhecimentos adequados, aqueles podem acabar se prejudicando.

Cabe, então aos educadores, pesquisadores, bem como à família e instituições olhar com mais cuidado a sexualidade de pessoas em situação de deficiência, e procurar, dentro de sua alçada, contribuir para a promoção de uma vida saudável, plena, íntegra e com autonomia, não negando os subsídios para o entendimento e formação crítica social quanto aos diversos aspectos que envolvem o tema. Não se prendendo somente no trabalho com os alunos, mas na importância de desfazer uma série de tabus sociais, de concepções errôneas sobre a sexualidade e pessoas com deficiência, principalmente, a maneira como a pessoa em situação de deficiência é vista e subestimada muitas vezes, fazendo com que, sem querer, criemos um ambiente hostil para essa pessoa, limitando suas possibilidades dentro do âmbito de vivência social. Acreditamos ser

importante uma visão mais voltada para a pessoa em situação de deficiência, não só tratando a inclusão social, mas pouco pergunta-se a eles como se veem a si próprios, como se sentem, seus desejos e ambições.

O que foi percebido nesse pequeno grupo, em vários momentos, é que eles não veem as limitações às quais estão impostos. Enquanto sonega-lhes o direito a informações, eles buscam por si só maior conhecimento e vivência, e isso pode levar, então, aos caminhos mais tortuosos de vida. A frustração que provavelmente ocorrerá no futuro, cairá sobre essas pessoas, que se julgarão como incapazes quando forem impedidos de alcançar seus sonhos, uma vez que, ao invés de alavancarmos as oportunidades, faz-se questão de coloca-los em um meio paralelo para tentar mantê-los num mundo fantasioso, onde, para eles, estão sendo tratados como iguais, quando se sabe que o que se quer, é marginalizar para não ter que lidar com mais um problema social. Não se pode deixar de considerar que todos nós seres humanos temos um senso crítico a ser desenvolvido, que não se deve impor ideologias, mas sim explicar as diversas possibilidades e deixar que cada um forme o seu eu social, através de seus desejos, convivências e escolhas de caminhos que melhor lhe satisfaçam como pessoa.

Este trabalho tenta trazer uma ínfima contribuição dentro do campo de Sexualidade e Deficiência. Com o presente estudo, pôde-se notar que a área, ao longo dos anos, foi de tal maneira negligenciada, que abre um grande leque para novas pesquisas no que tange à matéria de pessoas em situação de deficiência, sua sexualidade e a educação desta. É necessário desenvolver análises, problematizações, metodologias, abordagens e soluções que preencham essas lacunas existentes, bem como atendam à demanda desse grupo, ainda carente de visibilidade e atendimentos. Trata-se apenas de um início de uma série de levantamentos que devem ser feitos acerca do assunto, visando à melhoria da vida destas pessoas. Novos estudos relacionados ao tema sexualidade e deficiência precisam ser realizados, uma vez que há inúmeras lacunas a serem preenchidas nesse entendimento de

vivência da sexualidade de pessoas em situação de deficiência. Esta é apenas uma ínfima contribuição, na qual os resultados devem instigar futuras pesquisas, com novos métodos e abordagens por exemplo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Altmann, H. (2001). Orientação sexual nos Parâmetros Curriculares Nacionais. *Revista Estudos Feministas*, 9 (2), 575-585.

Amaral, L. A. (1994) *Pensar a diferença/deficiência*. Brasília: CORDE.

Bastos, O. M.& Deslandes, S. Ferreira. (2005, Abr./Jun.) Sexualidade e o adolescente com deficiência mental: uma revisão bibliográfica. *Ciência & Saúde Coletiva*. 10 (2), p. 389-397.

Brasil, Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial (SEESP). (2008). *Política nacional de educação especial na perspectiva da educação inclusiva*. Brasília: MEC

Brasil. Ministério da Educação. (1999) *Parâmetros curriculares nacionais: ensino médio*. Brasília: Semtec.

Brasil, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. (1997). *Parâmetros Curriculares Nacionais: pluralidade cultural e orientação sexual*. Brasília: MEC

Brasil. Senado Federal.(1996) *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: nº 9394/96*.
Brasília

Chiesa, A. M. (1994). *O uso de estratégias participativas para o conhecimento das representações sociais das mulheres de Pirituba*. Dissertação de Mestrado em Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.

- Chizzotti, A. (2003) A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais: evolução e desafios. *Revista Portuguesa de Educação*, 16 (2), 221-236. Recuperado de: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=37416210>
- Correia, G. B. (1997). Sexualidade e maternidade: “nós” e “laços” de um fenômeno cultural. *Revista brasileira de sexualidade humana*, 8 (1), 21-34.
- Correia, L. M.(2006) Dez anos de Salamanca, Portugal e os alunos com necessidades educativas especiais. In: D. RODRIGUES (Org). *Inclusão e educação. doze olhares sobre a educação inclusiva*. (pp. 239-274) São Paulo: Summus.
- Cursino, H. M.; Rodrigues, O. M. P. R.; Maia, A. C. B. & Palamin, M. E. G. (2006) Orientação sexual para jovens adultos com deficiência auditiva. *Rev. bras. educ. espec.* 12(1), pp. 29-48.
- Dantas, T. C., Silva, J. S. S. & Carvalho, M. E. P. (Dezembro 2014). Entrelace entre gênero, sexualidade e deficiência: uma história feminina de rupturas e empoderamento. *Rev. bras. educ. espec.*, v. 20(4), 555-568.
- Denari, F. E. (2010). Adolescência, afetividade, sexualidade e deficiência Intelectual: o direito ao ser/estar. *Revista Ibero americana de estudos em educação*, v.5 (1).
- Denari, F. E. (2008) Avaliação e encaminhamento de alunos aos serviços especiais sob a ótica da diversidade: o que muda na educação inclusiva?. In: Souza, C. B. G.; Ribeiro, P. R. M. (Org.). *Sexualidade, diversidade e culturas escolares: contribuições ibero-americanas para estudos de educação, gênero e valores*. (pp. 199-204). Araraquara: FCLar-UNESP Lab. Editorial; Alcalá de Henares: UAL.

- Denari, F. E. (2006). Um (novo) olhar sobre a formação do professor de Educação Especial: da segregação à inclusão. In: D. RODRIGUES (Org.). *Inclusão e Educação: doze olhares sobre a Educação inclusiva* (pp 35-73).. São Paulo: Summus.
- Denari, F. E. (1997). *O adolescente especial e a sexualidade: nem anjo, nem fera*. Tese de Doutorado em Educação, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP, Brasil.
- Denzin, N. K.; lincoln, Y. S. (2006) *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. Porto Alegre: Artmed.
- Dias, C. S. (1997). Influências dos fatores físicos e psicológicos na sexualidade do lesado medular. *Revista brasileira de sexualidade humana*, v.8(1), 119-132.
- Ferriani, M. G. C., et all. (1994) Opinião dos escolares adolescentes sobre a realização de grupos de discussão. *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*, 5(2), 193-203.
- Figueiró, M. N. D.(2009) *Educação sexual: múltiplos temas, compromisso comum*. Londrina: UEL.
- Foucault, M. (1988) *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Edições Graal.
- França, D. N. O.(2013). Sexualidade da pessoa com cegueira: da percepção à expressão. *Rev. bras. educ. espec*, 19 (4), 583-596.
- França Ribeiro, H.C. (2001). Sexualidade e os Portadores de Deficiência Mental. *Revista Brasileira de Educação Especial* 7(2), 11-27.
- Frasson-Costa, P.C. (2012). *Os patamares de adesão das escolas à educação sexual*. Tese de Doutorado em Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.

- Gagliotto, G.M.; Faust, T. & Santos, A. B. (2012). O deficiente intelectual e sua sexualidade, um estudo psicanalítico contribuindo para ação pedagógica. *In Congresso Internacional Interdisciplinar em Sociais e Humanas*, (pp. 1-15). Niterói: ANINTER-SH/ PPGSD-UFF.
- Geertz, C. (1978) *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Gherpelli, M.H.B.(1996) *A educação preventiva em sexualidade na adolescência*. São Paulo: FDE.
- Glat, R. (2012) A sexualidade da pessoa com deficiência mental. *Revista Brasileira de Educação Especial*. 1(1).. Recuperado de <http://educa.fcc.org.br/pdf/rbee/v01n01/v01n01a07.pdf>
- Graue, E., Walsh, D. (2003) *Investigação Etnográfica com crianças: Teorias, métodos e ética*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Guhur, M. de L. P. A manifestação da afetividade em sujeitos jovens e adultos com deficiência mental: perspectivas de Wallon e Bakhtin. *Rev. bras. educ. espec.* 13 (3), 381-398.
- Guimarães, I. R. F.(2009) Educação Sexual: Questões, Tendência e Políticas In: Figueiró, M.N.D.; Ribeiro, P.R.M.;Melo, S. M. M. (Orgs.). *Educação sexual no Brasil:panorama de pesquisas do sul e do sudeste*. (pp. 13-18) Araraquara: FCLar-UNESP lab. Editorial.
- Guimarães, P. (1995). *Educação Sexual na escola: mito ou realidade*. Campinas: Mercado das Letras.

Jannuzzi, G. de M..(2006) *A Educação do Deficiente no Brasil: dos primórdios ao início do século XXI*. 2º ed. Campinas, São Paulo: Autores Associados.

Kellner, D. (2001) *A cultura da mídia*. Bauru: EDUSC.

Larrosa, J. (2009) *Nietzsche e a educação*. Belo Horizonte: Autêntica. Maia, A. C. B. (2013)

Sexualidade e deficiências no contexto escolar. Tese de Doutorado em Educação, Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, SP, Brasil.

Littig, P. M. C. B.; CARDIA, D. R. REIS, L. B. e FERRAO, E. da S. (2012). Sexualidade na deficiência intelectual: uma análise das percepções de mães de adolescentes especiais. *Rev. bras. educ. espec.* 18(3), p. 469-486.

Luiz, E. C. e Kubo, O. M. (2007) Percepções de jovens com Síndrome de Down sobre relacionar-se amorosamente. *Rev. bras. educ. espec.* 13 (2), pp. 219-238

Maia, A. C. B. e Ribeiro, P. R. M. (2010) Desfazendo mitos para minimizar o preconceito sobre a sexualidade de pessoas com deficiências. *Rev. bras. educ. espec.* 16 (2), pp. 159-176

Maia, A.C.B; Ribeiro, P.R.M. (2009) *Orientação e Síndrome de Down: esclarecimentos para educadores (Cartilha Informativa)*. Bauru: Joarte Gráfica e Editora/Unesp-FC.

Maia, A. C. B. (2008). A educação sexual repressiva: padrões definidores de normalidade. In: Souza, C. B. G.; Ribeiro, P. R. M. (Org.). *Sexualidade, diversidade e culturas escolares: contribuições ibero-americanas para estudos de educação, gênero e valores*. (pp. 67-83). Araraquara: FCLar-UNESP Lab. Editorial; Alcalá de Henares: UAL.

- Maia, A. C. B. (2006) *Sexualidade e Deficiências*. São Paulo: Editora Unesp.
- Maia, A. C. B. Sexualidade e Deficiências.(2005). In: MAIA, A.C.B.; MAIA, A.F. (ORG). *Sexualidade e Infância*. Cadernos CECEMCA no1.(pp.178-198). Bauru, Faculdade de Ciências: Cecemca; Brasília: MEC/SEF.
- Maia, A. C. B. (2004) Orientação Sexual na Escola. In: P. R. M. RIBEIRO, *Sexualidade e educação: aproximações necessárias*. São Paulo: Arte e Ciência Editora.
- Maia, A. C. B. (2001). Reflexões sobre a educação sexual da pessoa com deficiência. *Revista Brasileira de Educação Especial[online]*.7(1), 2001. Recuperado de:
<http://educa.fcc.org.br/pdf/rbee/v07n01/v07n01a04.pdf>
- Maia, A.C.B. & Aranha, M.S. F. (2007) Concepções de professores sobre a sexualidade de pessoas com deficiência. IN: E. Manzini (Org.) *Inclusão do aluno com deficiência na escola: os desafios continuam*.(pp. 63-74). Marília : ABPEE/FAPESP
- Marcondes Filho, C. (1986) *Quem manipula quem? Poder e massas na indústria da cultura e da comunicação no Brasil*. Petrópolis, RJ : Vozes.
- Marques, A. E. (2013). *Rodas de conversa: uma proposta para aprimorar a prática docente em educação física escolar*. Dissertação de Mestrado em Educação Especial, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP, Brasil.
- Mazzotta, M. J. S. (1999) *Educação especial no Brasil: História e políticas públicas*. 2. ed. São Paulo: Cortez.
- Minayo, M. C. S. (1999) *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 6 ed. São Paulo: HUCITEC.
- Mazzota, M. J. S. (1996) *Educação especial no Brasil: história e políticas públicas*. São Paulo: Cortez.

- Miranda, A. A. B. (jan./dez. 2008). Educação especial no Brasil: desenvolvimento histórico. *Cadernos de História da Educação* – 7, 29 – 44.
- Neves, F. R. A. L. (1997). Sexualidade humana: uma abordagem pedagógica. *Revista Brasileira de Sexualidade humana*, 8(1), 85-96.
- Nunes, E.; Silva, E.(2000). *Educação sexual da criança*. Campinas. Autores Associados.
- Oliveira, E. L. & Mendes, E. G. (Março de 2014). Percepções sobre pessoas com deficiências e o prognóstico para o atendimento educacional especializado. *Rev. bras. educ. espec.*, 20 (1), 21-36.
- Omote, S. (1999) Normalização, integração e inclusão... *Ponto de Vista*, Florianópolis, 1(1). Recuperado de:
<http://150.162.1.115/index.php/pontodevista/article/viewFile/1042/1524>
- Omotes, S. (1994) Deficiência e Não-Deficiência: Recortes do Mesmo Tecido. *Revista Brasileira de Educação Especial*, Piracicaba, 1.(2), 65-73.
- Omote, S. (1990). *Aparência e competência em educação especial*. Temas em Educação Especial 1, (p.11-26), PPGESs, UFSCar, São Carlos, SP, Brasil.
- Organização Mundial da Saúde (OMS). (1993) *Classificação dos Transtornos Mentais e de Comportamento da CID – 10*. Artes Médicas: Porto Alegre.
- Paliarin, F; Frasson-Costa P.C.& Lemos, T. de S. (2012). Opiniões de algumas mães de alunos com deficiência intelectual acerca de como abordar a sexualidade com seus filhos e a oferta de oficinas de sexualidade. In: *III Jornada Regional de Educação Sexual do Paraná*.. Jacarezinho: Universidade Estadual do Norte do Paraná.

- Pereira, V. A.(2008) Sexualidade infantil e orientação sexual na escola. In: Capellini, V. L. F (org.). *Práticas em educação especial e inclusiva na área da deficiência mental*. Bauru: MEC/FC/SEE.
- Pieczkowski, T. M. Z. (2007). Educação sexual de pessoas com deficiência mental. *Revista Educação Especial*, (30).
- Pimentel, G. (2007) *Oficinas Culturais*. Brasília: Editora da UNB.
- Queiroz, T. D. (2007) Observação participante na Pesquisa qualitativa: conceitos e Aplicações na área da saúde. *Revista Enfermagem UERJ*.15(2).
- Rechineli, A.; Porto, E. T. R. e Moreira, W. W.. Corpos deficientes, eficientes e diferentes: uma visão a partir da educação física. *Rev. bras. educ. espec.*14(2),293-310.
- Ribeiro, B. N. (2011). *Avaliação de um programa de atividades físicas sistematizadas para adultos com deficiência intelectual*. Dissertação de Mestrado em Educação Especial, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP, Brasil.
- Ribeiro, P.R.M.(2009). A institucionalização dos saberes acerca da sexualidade humana e da educação sexual no Brasil. In: M. N. D. Figueiró (Org.). *Educação sexual: múltiplos temas, compromissos comuns*.(pp.129-140). Londrina: Universidade Estadual de Londrina.
- Ribeiro, P.R.M. (2005) Sexualidade também tem história: comportamentos e atitudes sexuais através dos tempos. In: Maia, A.C.B.; Maia, A.F. (ORG). *Sexualidade e Infância*. Cadernos CECEMCA (1) (pp.17-32). Bauru, Faculdade de Ciências: Cecemca; Brasília: MEC/SEF.

Richardson, R. J. (1999) *Pesquisa social: métodos e técnicas*. 3.ed. São Paulo: Atlas.T.A.

Queiroz e Edusp, 1979.

Rossi, C. R.(2009) *Sexuadade e Surdez: Possibilidades pelas mãos*. In: Figueiró, M.N.D.;

Ribeiro, P.R.M.;Melo, S. M. M. (Orgs.). *Educação sexual no Brasil:panorama de pesquisas do sul e do sudeste*. (pp. 149-154) Araraquara: FCLar- UNESP lab.

Editorial.

Salla, L. F. Quintana, A. M. (2002). A sexualidade enquanto tema transversal: educadores e suas representações. *Revista Educação Especial*, (19).

Santos, M. W. B. dos, Osório, A. C. do N. (2010). Saber e prática na constituição da sexualidade da pessoa com deficiência mental. *Revista Educação Especial* 23 (36).

P.117-130.

Santos, M. W. B. (2008). *Sexualidade da pessoa com deficiência mental: entre discursos de verdade e a possibilidade de outras práticas de si*. Dissertação de Mestrado em

Educação, Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Campo Grande, MS, Brasil.

Sartori, J. R. (2011). *Processo de adaptação de trabalhadores com deficiência intelectual em trabalho competitivo com suporte natural*. Dissertação de Mestrado em Educação

Especial, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP, Brasil.

Sigolo, S. R. L.(2008) *Inclusão e educação especial – alguns questionamentos*. In: Souza, C.

B. G.; Ribeiro, P. R. M. (Org.). *Sexualidade, diversidade e culturas escolares:*

contribuições ibero-americanas para estudos de educação, gênero e valores.(pp. 187-

198). Araraquara: FCLar-UNESP Lab. Editorial; Alcalá de Henares: UAL.

- Soares, S. M. et al . (2008) Oficinas sobre sexualidade na adolescência: revelando vozes, desvelando olhares de estudantes do ensino médio. *Esc. Anna Nery*, Rio de Janeiro 12(3). Recuperado de: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-81452008000300014&lng=en&nrm=iso
- Souza, H.P. (2003) *Orientação Sexual: Conscientização, necessidade e realidade*. Curitiba: Juruá.
- Trabbold, A. *Sexo dos Anjos*. (2006). Recuperado de: <http://www.entreamigos.com.br/textos/sexualid/sexanjo.html>
- Turra, N Neto. (julho/dezembro 2012). Vivendo entre jovens: a observação participante como metodologia de pesquisa de campo1. *Revista Terra Plural*. v.6(2), 241-255.

APÊNDICES

APENDICÊ A

Descrição das Oficinas

As oficinas foram elaboradas a partir de uma adaptação de oficinas já existentes de autoria da professora pesquisadora Doutora Priscila Carozza Frasson Costa². E seguirão descritas dentro do próximo quadro.

² A professora em questão leciona no Departamento de Ciências Biológicas, da Universidade Estadual do Norte do Paraná, *Campus* Luiz Meneghel, em Bandeirantes/PR (UENP/CLM), e utilizou oficinas acerca de sexualidade, em escolas da rede pública estadual do município de Bandeirantes/PR, em sua pesquisa de doutoramento. Ligada a esta pesquisa foi elaborado um projeto de extensão que vinculou alunos licenciandos da graduação em Ciências Biológicas da UENP-CLM, para atuar com os alunos das escolas-alvo. No projeto das oficinas, trabalharam 13 licenciandos denominados de monitores, que faziam o atendimento a grupos de alunos, em cada escola investigada. Dentre estes monitores estava a pesquisadora deste escrito, que teve a oportunidade de participar das atividades e assim se inspirar a desenvolver esta investigação, adaptando as oficinas para trabalhar educação sexual com alunos em situação de deficiência intelectual..

TÍTULO DAS OFICINAS	CONTEÚDO DA OFICINA
Oficina 1- Conhecer-se e conhecer o outro	Apresentação para os alunos das atividades a serem desenvolvidas ao longo de todas as oficinas. Posteriormente propôs-se uma dinâmica com balões: cada um anotou seu nome em um pedaço de papel e colocou dentro de um balão, após esta ação iniciou-se uma brincadeira em que estes balões eram lançados para cima e não podiam cair no chão, deste modo, os integrantes da oficina - que incluía alunos e pesquisadora - tinham que ir tocando nos balões com eles ainda no ar. Ao fim de três minutos os balões já haviam se misturado e cada aluno teve que pegar um balão. Em seguida, eles foram instruídos a estourar o balão que estava em suas mãos e descobrir o nome da pessoa que estava dentro. Feito isso, deveriam fazer uma breve entrevista com essa pessoa, a fim de conhecê-la melhor. A pesquisadora foi a primeira a realizar a entrevista, de modo a exemplificar para os alunos que tipo de pergunta fazer para os colegas. A oficina se encerrou com uma roda de conversa coordenada pela pesquisadora. Esta atividade teve o intuito de que todos se conhecessem e observassem que possuem interesses em comum, bem como serviu para que a pesquisadora conhecesse melhor o grupo e a realidade social de cada um dos sujeitos participantes.

2 – Puberdade e Adolescência	Neste encontro será proposto o tema puberdade, onde será perguntado as mudanças que ocorrerão e estão ocorrendo em seus corpos, bem como a maneira de pensar, como percebem essas mudanças e como as encaram, o que mais incomoda e o que menos incomoda nas mudanças, e como foi a vivência da sua puberdade.
Oficina 3 - Os aparelhos reprodutores	Neste encontro abordaremos os aparelhos reprodutores feminino e masculino com os alunos, e a partir de então, eles deverão descrever nomes e estruturas dos aparelhos reprodutores, e discutir os conhecimentos que já possuem com as novas informações adquiridas no grupo. Para iniciar a aula, será levado até os alunos massa de modelar, e será pedido para que reproduzam moldes da parte externa do aparelho reprodutor feminino e masculino.
4- O que é sexo e o que é sexualidade	Com o auxílio de imagens apresentadas e do projetor multimídia foi explicada a diferença entre sexo e sexualidade. Mostrou-se também as diferentes manifestações de sexualidade. Após a explicação, os alunos foram divididos em duplas, cada uma destas recebeu cartolinas, canetas coloridas e recortes de revistas, sendo instruídos a montaram cartazes representando a sexualidade. Os cartazes posteriormente foram apresentados, discutidos e problematizados.

Oficina 5 - Métodos contraceptivo s	Foram apresentados aos alunos nesta oficina os principais métodos contraceptivos. Explicou-se o uso de cada um, o cuidado necessário, a importância de acompanhamento médico e a diferença de métodos para que se evite a gravidez e métodos que combatem a contaminação por doenças sexualmente transmissíveis. Cada aluno teve a oportunidade de visualizar e manusear alguns métodos disponibilizados pelo posto de saúde da cidade.
Oficina 6 – Gravidez e Gestação	Neste encontro, pretende-se através do auxílio de vídeos mostrar como ocorre a gravidez, todo processo gestacional e o desenvolvimento dos bebês, cuidados que se deve ter nesta fase, e debater as dúvidas deles quanto ao assunto exposto.
Oficina 7- Bullyng e exclusão	Neste encontro, discutiu-se um pouco sobre a Aids, e sendo esta a última oficina, percebo dentro do grupo a necessidade de falar um pouco sobre esses temas, então, através de uma dinâmica descrita em anexo, separei eles em grupo, nos quais, deveriam se imaginar em uma ilha, porém devem deixar lá, uma pessoa para que as outras sobrevivam, e a partir disso, início uma discussão sobre a exclusão. Também ligando a preconceitos, e os fatores que levam eles a selecionarem seus amigos, e deixar outros de lado.

ANEXOS

ANEXO A - Termo de consentimento livre e esclarecido

Tendo em vista a necessidade de coleta de dados para o desenvolvimento do projeto de investigação para a Dissertação de Mestrado a ser realizada pela aluna Franciely Paliarin, sob responsabilidade da orientadora Professora Dra. Fátima Elisabeth Denari, Professora de Pós Graduação em Educação Sexual, da Universidade Estadual “Júlio Mesquita Filho” – *campus* Araraquara, declaro que consinto que a mesma registre as respostas de meu/minha filho(a) durante entrevistas, bem como utilize parcial ou integralmente, registros dessas entrevistas, gravações em áudio ou vídeo de suas falas ou imagem, para fins de pesquisa, podendo divulgá-las em publicações, congressos e eventos da área com a condição de que seu nome não seja citado, garantido o anonimato no relato da pesquisa.

Declaro ainda, que fui devidamente informado(a) e esclarecido(a) quanto à investigação que será desenvolvida.

Cambará, 2014.

ASS.: _____

Anexo B – Resumos dos artigos apresentados nos quadros introdutórios

Entrelace entre gênero, sexualidade e deficiência: uma história feminina de rupturas e empoderamento.

DANTAS, Taísa Caldas; SILVA, Jackeline Susann Souza e CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de.

O texto objetiva analisar o processo de empoderamento e o exercício da autoadvocacia na vida de pessoas com deficiência como condições que influenciam o reconhecimento da identidade de gênero e das questões de sexualidade. O argumento central defendido é o de que a visão comum sobre as pessoas com deficiência está relacionada geralmente ao rótulo incapacitante da deficiência, acarretando a invisibilidade da sexualidade e o não reconhecimento do ser homem/mulher com deficiência. Este relato de pesquisa adota a metodologia de história oral e contribui para o campo de investigação sobre deficiências, gênero e sexualidade a partir da visibilidade da história de vida de uma mulher com deficiência. Analisa-se a história de uma jovem com deficiência intelectual, evidenciando-se a superação do rótulo incapacitante como condição fundamental para que ela se reconheça como uma mulher sexuada, com a capacidade de tomar decisões e viver seus desejos. A jovem apresenta indícios de seu empoderamento em quatro dimensões fundamentais: família, educação, trabalho e vida social, revelando que a deficiência não a impossibilita de sair, namorar, ter amigos, ter uma ocupação remunerada, isto é, ser uma mulher empoderada.

Palavras-chave : Educação Especial; Gênero; Sexualidade; Deficiência; Empoderamento.

Sexualidade da pessoa com cegueira: da percepção à expressão.

FRANCA, Dalva Nazaré Ornelas.

Este estudo teve por objetivo apreender como as pessoas com cegueira congênita percebem e expressam sua sexualidade. Participaram 11 pessoas ambos os gêneros, com idades entre 22 e 54 anos com nível educacional desde o fundamental até o superior incompleto. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas e sessões de grupo focal, com uso de gravador. As entrevistas e as sessões de grupo focal foram transcritas na íntegra e analisadas qualitativamente, através da técnica de análise de conteúdo, buscando uma articulação entre os dados empíricos e os referenciais teóricos. Emergiram duas categorias: Sexualidade: percepção da pessoa com cegueira; Expressão da sexualidade da pessoa com cegueira: obstáculos e perspectivas. Os depoimentos e as sessões grupais evidenciaram que as pessoas com cegueira percebem a sexualidade como algo importante, que envolve doação, intimidade, afirmação de gênero, podendo propiciar situações positivas em suas vidas. Para expressá-la se utilizam, em primeira instância, da voz, da fala, seguidos do toque, do cheiro, entre outros. Porém, foram apontados obstáculos, como o preconceito e a falta de informação sobre sexualidade direcionada para os cegos. Alguns dos participantes demonstraram otimismo em relação às perspectivas de

mudanças, porém outros não vislumbram muitas mudanças, principalmente em relação ao preconceito. Consideramos que as questões sociais são os principais obstáculos para as pessoas com cegueira manifestarem seus sentimentos em relação à sexualidade, e que através da educação sexual poderemos minimizar muitos dos preconceitos em relação à expressão da sexualidade dessas pessoas.

Palavras-chave : Sexualidade; Cegueira; Educação Especial.

O desenvolvimento de crianças cegas e de crianças videntes

FRANCA-FREITAS, Maria Luiza Pontes de e GIL, Maria Stella Coutinho de Alcântara.

O objetivo do presente estudo foi apresentar o desenvolvimento geral e o desenvolvimento em áreas específicas (cognição, linguagem, desenvolvimento motor, autocuidados e socialização) de uma criança cega que recebeu estimulação constante e especializada de outra criança cega que recebeu apenas estimulação assistemática e de crianças cegas com crianças videntes. Participaram deste estudo duas crianças cegas e duas crianças videntes do sexo masculino com até seis anos de idade, matriculadas em salas regulares de duas escolas públicas. O instrumento utilizado para coleta de dados foi o Inventário Portage Operacionalizado. Os dados foram analisados com base no cálculo da reta de regressão do desenvolvimento global e nas cinco áreas específicas. A partir dessas análises, verificou-se que recebendo estimulação constante e especializada a criança cega apresenta desempenhos semelhantes aos de uma criança vidente no ambiente escolar. Com base nas avaliações realizadas dos desempenhos das crianças cegas, ressalta-se que ao contrário da criança cega que recebeu estimulação constante e especializada e obteve desenvolvimento esperado para sua faixa-etária, a criança que recebeu apenas estimulação assistemática, apresentou acentuados atrasos de desenvolvimento em todas as áreas observadas. É possível supor que havendo apenas comprometimento visual, as crianças cegas devidamente estimuladas desde os primeiros anos de vida podem apresentar níveis de desenvolvimento esperados para a faixa etária. De modo geral, os resultados desse estudo, embora não permitam generalizações em função da pequena amostra, evidenciam importantes aspectos do desenvolvimento de crianças cegas e crianças videntes, contribuindo para enriquecer a literatura a respeito dessa temática.

Palavras-chave : Educação Especial; Desenvolvimento Infantil; Deficiências da Visão.

Sexualidade na deficiência intelectual: uma análise das percepções de mães de adolescentes especiais.

LITTIG, Patrícia Mattos Caldeira Brant; CARDIA, Daphne Rajab; REIS, Luciana Bicalho e FERRAO, Erika da Silva.

Adolescência é a fase transitória entre infância e idade adulta, momento importante do desenvolvimento humano, marcado por mudanças físicas, psicológicas e sociais relativas ao início da sexualidade. Este momento geralmente é conturbado e o poderá ser ainda mais para adolescentes com deficiência intelectual (DI) por confrontar com preconceitos e mistificações estabelecidas há tempos. A maneira infantilizante e discriminatória de serem tratados pela família e sociedade influenciam as percepções das mães de filhos com DI. Assim, objetivando investigar as

concepções que mães de jovens com DI têm sobre a sexualidade deles e como elas irão refletir na adoção de práticas de educação sexual, foram entrevistadas 20 mães de adolescentes entre 12 a 18 anos, de ambos os sexos, com diagnóstico de DI, atendidos numa clínica escola localizada no estado do Espírito Santo. Analisando as entrevistas, percebeu-se em 12 respostas, a ideia de ausência de sexualidade na pessoa com DI, trazendo uma postura infantilizadora e superprotetora dessas mães em relação aos filhos, considerando-os com pouca possibilidade de desenvolver interesses e comportamentos sexuais. Quanto às concepções das mães nas manifestações sexuais de seus filhos, 15 delas revelaram entender que a sexualidade deles é diferente da de pessoas sem deficiência intelectual. Percebeu-se que 12 das 20 mães nunca orientaram seus filhos sexualmente, alegando que não compreenderiam. Em geral, as mães não reconhecem uma identidade sexual em seus filhos e, por conseguinte, não fornecem uma educação sexual, reproduzindo a concepção social e cultural que nega a existência da sexualidade quando associada à DI.

Palavras-chave : Educação Especial; Deficiência Intelectual; Sexualidade; Educação Sexual.

Desfazendo mitos para minimizar o preconceito sobre a sexualidade de pessoas com deficiências.

MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi e RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal.

Este texto aborda a presença de idéias preconceituosas sobre a sexualidade de pessoas com deficiência discorrendo, de modo crítico e reflexivo, sobre diversos mitos, tais como: (1) pessoas com deficiência são assexuadas: não têm sentimentos, pensamentos e necessidades sexuais; (2) pessoas com deficiência são hiperssexuadas: seus desejos são incontroláveis e exacerbados; (3) pessoas com deficiência são pouco atraentes, indesejáveis e incapazes para manter um relacionamento amoroso e sexual; (4) pessoas com deficiência não conseguem usufruir o sexo *normal* e têm disfunções sexuais relacionadas ao desejo, à excitação e ao orgasmo; (5) a reprodução para pessoas com deficiência é sempre problemática porque são pessoas estéreis, geram filhos com deficiência ou não têm condições de cuidar deles. A crença nesses mitos revela um modo preconceituoso de compreender a sexualidade de pessoas com deficiência como sendo desviante a partir de padrões definidores de normalidade e isso se torna um obstáculo para a vida afetiva e sexual plena daqueles que são estigmatizados pela deficiência. Esclarecer esses mitos é um modo de superar a discriminação social e sexual que prejudica os ideais de uma sociedade inclusiva.

Palavras-chave : educação especial; sexualidade; deficiências; preconceito; mitos.

Percepções de jovens com Síndrome de Down sobre relacionar-se amorosamente.

LUIZ, Elaine Cristina e KUBO, Olga Mitsue.

Dificuldades de pais e profissionais para lidar com comportamentos de natureza sexual de pessoas com deficiência mental são provavelmente advindas de concepções parciais ou equivocadas desses pais e profissionais sobre as potencialidades de desenvolvimento da dimensão sexual dessas pessoas. Uma das implicações desse tipo de concepção é promover poucas oportunidades para ouvir o jovem com deficiência mental sobre suas expectativas e desejos sobre relacionamento amoroso. O objetivo do trabalho foi descobrir quais as percepções de jovens com

Síndrome de Down sobre relacionar-se amorosamente. Para isso, duas mulheres e três homens com Síndrome de Down, com idade entre 18 e 28 anos, foram entrevistados individualmente. As verbalizações desses jovens sobre o que é apaixonar-se e o que sentem um pelo outro se referiram a comportamentos que expressavam cuidados com (a) namorado (a), e a sentimentos como ânimo e paixão. Em relação ao que verbalizam sobre o que é uma pessoa atraente, houve ênfase em aspectos físicos e comportamentais. Uma jovem afirmou ter relações sexuais com o namorado e descreveu com minúcia a experiência e cuidados tomados para isso. Outros dois jovens consideraram a possibilidade de ter relações sexuais mais tarde, embora já namorassem há algum tempo. Uma adolescente indicou como necessário para ter relação sexual a interdependência do casal e a prevenção da gravidez. Os resultados possibilitam concluir que as percepções que jovens com Síndrome de Down têm sobre relacionamentos amorosos não diferem daquelas de jovens sem síndrome e, muito provavelmente, são desenvolvidas pelas oportunidades de se comportarem efetivamente sob contingências que favoreçam comportamentos amorosos.

Palavras-chave : comportamento amoroso; sexualidade; Síndrome de Down; educação especial.

A manifestação da afetividade em sujeitos jovens e adultos com deficiência mental: perspectivas de Wallon e Bakhtin

GUHUR, Maria de Lourdes Perieto.

No presente texto discute-se a objetivação das emoções na trama discursiva desenvolvida por jovens e adultos com deficiência mental participantes de um programa de atendimento pedagógico alternativo. Como recurso metodológico utiliza-se na construção dos dados a análise microgenética de episódios de curta duração, episódios recortados da dinâmica interativa da qual participavam os sujeitos. Os resultados obtidos evidenciam formas diferenciadas de inter-relações se concretizando, a exteriorização das emoções sendo mediada por linguagens simbólicas, tais como aparecem referenciadas em Wallon (como função adaptativa e comunicativa) e em Bakhtin (como função mediadora e ato de significação), autores fundamentados na matriz epistemológica do materialismo histórico dialético.

Palavras-chave : afetividade; linguagens simbólicas; dialógica; deficiência mental; educação especial.

Corpos deficientes, eficientes e diferentes: uma visão a partir da educação física

Bodies disabled, efficient and different: a view from the Physical Education

Andréa Rechineli^I; Eline Tereza Rozante Porto^{II}; Wagner Wey Moreira^{III}

RESUMO

Diante das diversas pesquisas sobre as questões das pessoas com deficiências e seus corpos, este ensaio tem como objetivo analisar o ser humano classificado por seu corpo deficiente no passado, eficiente no presente e diferente no futuro. Consultando vários autores, apresentamos uma retrospectiva histórica do corpo deficiente no passado, uma análise das principais abordagens da Educação Física no

trato com o corpo eficiente no presente e uma reflexão sobre o corpo diferente no futuro. No passado, confirma-se a exclusão dos corpos deficientes, historicamente renegados, inferiorizados, subestimados, estigmatizados por décadas. No presente, evidencia-se a eficiência desses corpos a partir do momento em que lhes são dadas oportunidades de participação. No futuro, presume-se corpos diferentes, respeitados em sua complexidade, compreendidos como seres humanos que, em sua totalidade pensam, sentem, aprendem, deslocam-se através do movimento no tempo e no espaço com uma intenção, vivem a própria história em busca da superação, transcendendo a cada oportunidade vivida.

Palavras-chave: corpo; pessoas com deficiências; educação física, educação especial.

Orientação sexual para jovens adultos com deficiência auditiva

Sexual orientation for young adults with hearing impairments

Helen Milene Cursino^I; Olga Maria Piazzentin Rolim Rodrigues^{II}; Ana Cláudia Bortolozzi Maia^{III}; Maria Estela Guadagnucci Palamin^{IV}

RESUMO

o estudo investigou o tema da sexualidade junto a 14 jovens adultos com deficiência auditiva de 18 a 35 anos de idade, no Centro de Distúrbios da Audição Linguagem e Visão (CEDALVI) que faz parte do HRAC-USP/Bauru. Os objetivos foram: identificar quais as necessidades de informação no que diz respeito à sexualidade; intervir, através de um programa de orientação sexual, informando e discutindo sobre temas referentes à sexualidade e verificar a aquisição de informação obtida com o programa de orientação sexual. Para tal, foi realizado um programa de orientação sexual, com três encontros abordando os seguintes temas: *Órgãos sexuais e relações de gênero, Relacionamento afetivo e Gravidez, doenças sexualmente transmissíveis e auto-estima*. Utilizou-se para a coleta dos dados um questionário inicial, questionários com questões fechadas, falso e verdadeiro, tipo pré e pós-teste no início e ao final de cada encontro e uma entrevista de avaliação processual, ao final do programa. Observou-se que o termo sexualidade continua sendo reduzido ao ato sexual ou as formas de prevenção de doenças ou métodos contraceptivos por grande parte dos jovens e a fonte de informação mais citada foi a mídia. O tema de maior número de acertos no pós-teste foi *Órgãos sexuais e relações de gênero* e todos, em geral, avaliaram positivamente a participação no programa. Concluiu-se que é necessário que a sexualidade seja cada vez mais incluída em programas de reabilitação, garantindo o acesso a informação e a discussão do tema, tão importante na vida desses jovens.

Palavras-chave: deficiência auditiva; sexualidade; orientação sexual.

Saber e prática na constituição da sexualidade da pessoa com deficiência mental

Myrna Wolf Brachmann dos Santos, Antônio Carlos do Nascimento Osório

Resumo

Partindo dos resultados da análise de dez relatórios de pesquisa, e tendo por fundamentação teórica os estudos de Michel Foucault, este texto tem como objetivo evidenciar a relação existente entre a produção do saber e as práticas cotidianas que se estabelecem no meio social. É parte do relatório de dissertação que analisou produções acadêmicas cujo tema é a sexualidade da pessoa com deficiência mental relacionando-as a um projeto de orientação sexual desenvolvido com jovens com deficiência mental. Nessa associação é possível identificar concepções de sexualidade e deficiência mental apresentadas por um viés biologicista condicionando a proposição de uma orientação sexual tida como “antídoto” para o problema das manifestações de sexualidade desses sujeitos. Isso leva à necessidade de atenção e reflexão em relação às verdades veiculadas na produção acadêmica e coloca desafios à produção de novas perspectivas e de novas práticas que produzam outras verdades sobre a sexualidade e sobre a sexualidade da pessoa com deficiência mental.

Palavras-chave: Sexualidade. Pessoa com deficiência mental. Orientação sexual.

Educação sexual de pessoas com deficiência mental

Tania Mara Zancanaro Pieczkowski

Resumo

Constata-se que falar em sexualidade de pessoas com deficiência mental é um tabu. Manifestações de ansiedade referentes ao assunto são presenciadas no cotidiano. Considera-se importante favorecer a compreensão de que a sexualidade é parte integrante da vida, o que não justifica a inquietação para abordar essa temática, pois é um atributo humano. Percebe-se que a abordagem do referido tema prioriza aspectos anatômicos e se mostra fragmentada, imbricada à culpa e ao medo. É importante conscientizar a sociedade, principalmente as famílias de pessoas com deficiência mental e profissionais que atuam com esse grupo, que pessoas com deficiência mental não são assexuadas, tampouco têm sua sexualidade incontrolável. Também é imprescindível instrumentalizar os profissionais e familiares para tomar atitudes coerentes ao se depararem com manifestações de sexualidade do aluno/filho com deficiência mental.

Palavras-chave: Sexualidade. Deficiência Mental. Direitos Humanos. Educação. Orientação.

A sexualidade enquanto tema transversal: educadores e suas representações

Lilian Fenalti Salla, Alberto Manuel Quintana

Resumo

O presente artigo aborda a questão da sexualidade humana a partir de uma investigação de cunho qualitativo e fenomenológico. A principal finalidade desta investigação foi apreender as concepções acerca da sexualidade humana vigentes entre educadores de escolas públicas estaduais de Santa Maria. A aproximação da realidade focada foi desenvolvida com base na teoria das Representações Sociais. A técnica utilizada para a obtenção dos dados foi a entrevista semi-estruturada. Os dados apreendidos passaram pelo processo de análise de conteúdo. A partir dos Parâmetros Curriculares Nacionais, instituídos em 1995 pelo Ministério da Educação, a Orientação Sexual passou a ser um tema transversal idealizado pelo viés da transdisciplinaridade. A Representação da sexualidade humana pelos educadores foi valorizada neste estudo em virtude de constituir-se em um aspecto de extrema relevância na abordagem do tema dentro da escola. O estudo demonstrou que a Representação que os educadores têm sobre a sexualidade humana é bastante reducionista e atrelada ao sexo orgânico, desprezando-se os seus aspectos sócio-político-culturais. Considerando-se todos os aspectos inferidos deste estudo, espera-se que ele venha a contribuir, juntamente com outras visões, com a construção de uma proposta menos dogmática e mais crítica de Orientação Sexual escolar.

Palavras-chave

Sexualidade humana; Representação social; Educadores.